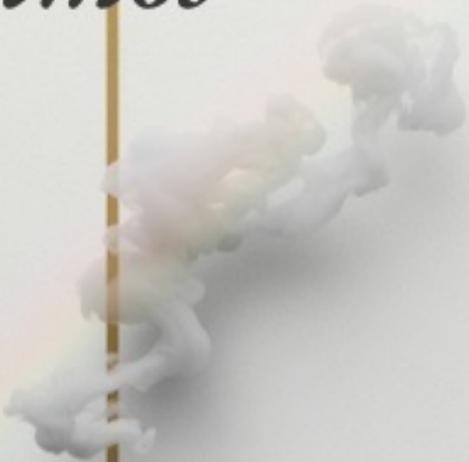
Silêncios Legítimos



PAULITO DAGEN ROER

A vida mais bonita acontece no espaço invisível que sobra entre as coisas ordinárias.

Silêncios Legítimos

PAULITO DAGEN ROER

BARRETOS

2026

Silêncios Legítimos
© 2026 PAULITO DAGEN ROER

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, armazenada ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem autorização prévia do autor, excetuados os casos previstos em lei e breves citações para fins de estudo, crítica ou divulgação da obra.

Primeira edição — 2026

Texto: PAULITO DAGEN ROER

Projeto gráfico e capa: Maria-Pia Deleiria
Imagem de capa: criada com auxílio de inteligência artificial e finalizada pelo produtor gráfico.
Impresso no Brasil

Sumário

PRÓLOGO: A SINTAXE DO INVISÍVEL

CONTO 1: ZÉFIRO E A PEDRA.....pág. 1

CONTO 2: O ORÁCULO DE APOLO.....pág. 13

CONTO 3: O CORTEJO DA SOLIDÃO.....pág. 25

CONTO 4: O PALÁCIO DO VAZIO.....pág. 37

CONTO 5: O CASAMENTO NO ESCURO.....pág. 49

CONTO 6: A VISITA DAS IRMÃS.....pág. 61

CONTO 7: A INSIDIOSA CURIOSIDADE.....pág. 73

CONTO 8: A QUEBRA DO PACTO.....pág. 85

CONTO 9: AS PROVAÇÕES DA MATÉRIA.....pág. 97

CONTO 10: A VIAGEM AO AVESSO.....pág. 109

CONTO 11: O RETORNO DE ÍRIS.....pág. 121

CONTO 12: O NASCIMENTO DE VOLÚPIA.....pág. 133

EPÍLOGO: O RESPIRO DA MATÉRIA.....pág. 145

NOTA DO AUTOR: O AVESSO DO REAL.....pág. 147

Prólogo: A Sintaxe do Invisível

A história oficial do mundo é escrita com o peso do mármore e com a pressa cega dos carimbos públicos. Os homens costumam registrar apenas os corpos que caem no chão ou as mercadorias valiosas que pagam impostos nas alfândegas da capital. Eles esquecem que a existência mais bonita habita justamente a porção de ar que a rotina ordinária deixou em branco no meio da semana.

Este livro nasce da necessidade de dar uma rota poética para a Alma através de um território desnudado de excessos materiais. Eu sou Zéfiro, o vento oeste, a voz aérea que assume o comando desta narrativa para afastar a beleza do atrito pesado dos dias úteis. Minhas frases são curtas e diretas porque o invisível não precisa de discursos longos ou termos difíceis para assinar o seu contrato de afeto no papel.

O leitor desavisado que abrir estas páginas despidas não encontrará um manual pedagógico sobre a Grécia antiga, mas o suspense feliz de um amor que opera no ponto cego do Real. Trata-se de uma engrenagem mítica e contemporânea estruturada em silêncios que recusam as réguas da sociedade reta. O papel aceita a minha aragem porque sabe que a leveza também precisa de uma casa para morar.

ZÉFIRO E A PEDRA

Movimento I: O Sopro de Zéfiro

Eu sempre morei nos lugares vazios e silenciosos onde ninguém constrói casas, levanta muros de tijolos ou planta jardins planejados para o comércio. Sou Zéfiro, o vento oeste, o elemento invisível que move as folhas secas das calçadas e os cabelos longos das moças sem deixar nenhuma marca de peso ou de cansaço na superfície do chão. No meio do barulho dos dias de trabalho e na pressa cega das avenidas principais, as pessoas comuns só reparam naquilo que podem tocar com as mãos, contar com os dedos ou trancar dentro de uma gaveta de ferro na repartição. Elas esquecem que a vida mais bonita e verdadeira acontece justamente no silêncio do papel e no espaço transparente que sobra entre as coisas ordinárias do mundo.

Eu não sou um simples aviso de chuva fina no rádio da província ou uma tempestade barulhenta que assusta os pássaros pequenos nas árvores da praça. Sou a voz viva que vai contar esta história do início ao fim com a paciência e a cadência das marés antigas. Meu sopro organiza os passos de cada personagem neste livro e desenha o rumo exato dos corpos no espaço aberto do horizonte. Uso frases curtas e diretas para transformar o vazio do papel branco em um lugar de descanso definitivo para os olhos de quem lê.

O minimalismo da minha fala não quer esconder as dores do mundo, mas revelar a beleza estranha que está guardada no avesso dos dias úteis. Quando eu passo pelas frestas das janelas fechadas, eu deixo um suspense feliz e um arrepio manso no meio da sala de estar. A verdadeira literatura nasce desse milímetro de ar deslocado que ninguém consegue prender em um arquivo morto ou catalogar em um livro de impostos. Sou o narrador que testemunha o peso da matéria sem nunca me deixar escravizar pela rigidez das leis da terra. Conduzo os deuses imortais e os homens mortais com a mesma leveza de quem carrega uma pétala de flor caída no final da tarde de um domingo de outono.

Este primeiro movimento é o meu cartão de visitas para o leitor desavisado que busca um abrigo poético na calmaria da prosa contemporânea. Quero que cada linha funcione como um respiro para a alma cansada do automatismo mecânico do cotidiano. Aqui, a pressa das horas não dita as regras do texto; é o vento quem determina o limite exato de cada sentimento que nasce no peito. O papel aceita a minha aragem porque sabe que o invisível também precisa de uma casa para morar.

Movimento II: A Rotina de Pedra

A cidade antiga gostava de tudo o que era reto, duro, pesado, simétrico e definitivo. Os homens daquela província tinham um medo profundo do mistério do horizonte e decidiram prender o mundo real em formas quadradas de pedra clara e mármore importado. Eles construíram um templo enorme, cinzento e imponente para Afrodite e fizeram daquela divindade a dona absoluta de todas as regras de beleza e de comportamento visual da sociedade. O mármore daquele altar central era tão limpo, liso e polido que não aceitava um único grão de poeira da rua ou um detalhe que estivesse fora do lugar planejado pelos engenheiros da corte.

Afrodite mandava na sensibilidade do povo com a frieza administrativa de quem cuida de uma repartição pública cheia de papéis velhos, fichas amareladas e carimbos gastos pelo uso diário. Ela tinha a certeza absoluta de que a beleza dependia apenas da imobilidade eterna das estátuas e do tamanho monumental dos prédios públicos. A deusa detestava o imprevisto da vida comum e acreditava que o coração humano deveria funcionar com a precisão mecânica de um relógio de parede. Os fiéis faziam filas burocráticas e demoradas nas escadarias do santuário para

entregar moedas de bronze e promessas escritas em pedaços de couro curtido.

Ninguém ousava questionar a simetria perfeita daquelas colunas redondas que sustentavam o teto pesado contra o avanço das nuvens de chuva. O comércio das estátuas votivas e dos incensos caros enriquecia os mercadores da avenida principal e mantinha o pensamento de toda a sociedade preso ao chão firme da rotina. A adoração oficial virou um imposto diário que os cidadãos pagavam de bom grado para não ter que pensar no vazio assustador do horizonte ou na excentricidade do ser.

O império da deusa era um arquivo morto de intenções repetidas onde o sentimento verdadeiro não encontrava espaço para respirar, inventar ou mudar de direção. A matéria vencia o espírito através do hábito visual e do medo do erro geométrico. Os dias eram todos iguais, carimbados pela repetição das orações oficiais que os sacerdotes cantavam nos pátios de pedra, sem que nenhuma folha se movesse fora do ritmo combinado pela gerência do templo.

Movimento III: A Menina sem Peso

A rotina cinzenta e matemática daquela gente quebrou de forma bizarra quando a terceira filha do rei começou a caminhar pelas calçadas de pedra da cidade. O nome dela é Psiquê. Ela nasceu no meio daquela solidez com uma leveza tão bonita e assustadora que parecia pedir desculpas ao chão áspero cada vez que dava um passo na rua. A beleza de Psiquê não tinha nada a ver com o mármore frio das igrejas antigas ou com o comércio barulhento das feiras de domingo. A luz dela estava no jeito simples e desarmado de olhar para as coisas despidas e transformá-las em poesia pura sem precisar usar nenhuma palavra difícil ou conceito acadêmico.

Ela era o avesso perfeito de tudo o que era rígido, quadrado e institucionalizado pelas autoridades da província. Ver Psiquê passar pela janela de madeira trazia uma alegria estranha, mansa e quase aristocrática para o peito cansado das pessoas comuns do povo. Era um suspense feliz que interrompia o mau humor dos dias de semana e a pressa dos cobradores de impostos do palácio. Os velhos sentados nos bancos de pedra das praças sorriam sem motivo aparente e os meninos esqueciam os brinquedos de madeira no meio da terra batida do pátio.

A menina não fazia nenhum esforço para ser notada pelos outros; sua existência era um absurdo manso que desafiava as leis da gravidade e as réguas dos escultores oficiais da corte. Ela caminhava pelo mundo real como um símbolo vivo de vanguarda que não aceitava as molduras do passado ou as regras do bom comportamento estético. Sua alma transbordava pelos cantos dos olhos calmos e contaminava o ar pesado da cidade com um perfume inédito de novidade, liberdade e frescor.

Psiquê era a quebra definitiva do automatismo mecânico dos dias úteis, uma criatura feita de mistério e suspense que transformava o cotidiano comum em um território cheio de milagres gratuitos e suspensões poéticas. Os homens olhavam para ela e esqueciam o peso do trabalho nas costas, sentindo que a vida poderia ser maior do que a contagem do dinheiro ou a entrega dos relatórios semanais para os fiscais do rei.

Movimento IV: O Altar Esquecido

A presença daquela menina sem peso mudou completamente o movimento e a economia da cidade inteira em um espaço de poucas semanas. As lojas de tecidos finos fecharam as portas mais cedo e os marinheiros experientes esqueceram de carregar os navios de mercadorias valiosas no porto da província. Os homens abandonaram as filas burocráticas do templo oficial e deixaram de acender as fogueiras sagradas no altar deserto de Afrodite. Eles preferiam sentar nas calçadas ásperas da periferia apenas para ver o cabelo castanho de Psiquê balançar com a suavidade sutil do meu próprio sopro de vento.

O carinho e a atenção do povo saíram da obrigação pesada da igreja e foram morar na calçada da rua de forma livre, espontânea e marginal. Essa folga inesperada no cotidiano ordinário irritou profundamente as autoridades burocráticas e geométricas do céu. A engrenagem administrativa do santuário de Afrodite parou de funcionar porque a deusa não conseguia controlar, catalogar ou medir aquela beleza nova que nascia de graça e sem autorização no rosto de uma simples mortal. As escadarias de mármore branco acumularam a poeira fina

do abandono e os sacerdotes ficaram sem trabalho nos pátios vazios do palácio divino.

A instituição do belo faliu diante do símbolo vivo da sensibilidade pura e da excentricidade do ser. A deusa via seu império comercial desmanchar como um castelo de areia tocado pela maré do fim de tarde na praia. O ciúme doentio transformou a divindade em uma estátua de gelo rígido nas repartições centrais do Olimpo. Ela não aceitava perder o protagonismo do culto público para uma menina comum que nem sequer usava joias de ouro, coroas de brilhantes ou vestidos de seda para chamar a atenção do mundo real.

A burocracia do céu exigia uma punição exemplar contra aquela luz independente que quebrava o hábito dos olhos da sociedade e desviava o lucro das ofertas sagradas para a gratuidade de um olhar na calçada. O silêncio do templo era a prova de que a alma havia vencido a pedra.

Movimento V: A Ordem na Colina

A deusa ferida na sua vaidade me chamou até o topo da montanha mais alta e isolada do continente, bem no lugar exato onde a luz do sol perde o seu poder de retenção e o calor do meio-dia se apaga. O comando dela foi curto, seco, direto e sem nenhuma espécie de delicadeza, compaixão ou concessão sentimental. Ela exigiu que eu usasse a minha velocidade invisível para agarrar Psiquê pelo meio do corpo e jogá-la sem piedade nos braços do monstro mais feio, cruel e terrível da matéria sólida. Afrodite achava que eu era apenas um funcionário mecânico do clima da terra, um empregado invisível obrigado a obedecer cegamente aos seus caprichos geométricos de pedra e de ciúme.

Ela não sabe que o vento oeste governa a sua própria intensidade e escolhe a direção do seu próprio curso no horizonte sem pedir licença aos reis ou aos altares. Ao aceitar o encargo de carregar o destino daquela menina indefesa pelo espaço deserto, senti o contentamento profundo de quem decide o seu próprio rumo nas páginas da vida. Eu já estava completamente apaixonado por Psiquê e pela luz estranha e excêntrica que ela espalhava no meio da escuridão do mundo real da província. Eu não ia cumprir a destruição violenta ordenada pela vaidade

ferida da deusa do mármore; eu ia pegar aquele castigo burocrático e transformá-lo em um novo começo para nós dois.

O decreto raivoso da colina seria o motor necessário para afastar a alma da rigidez da cidade comum e inaugurar o nosso tão sonhado casamento no escuro, longe dos olhos fiscais do comércio e da sociedade reta. Minha aragem invisível seria a ponte segura que levaria a beleza para longe do atrito pesado dos dias úteis, salvando a poesia viva do abraço mortal da burocracia estatal. Ao descer o penhasco com a ordem na mente, eu já preparava o sopro que mudaria o rumo da história antiga, transformando o erro da deusa na nossa libertação do Real.

O ORÁCULO DE APOLO

Movimento I: O Sopro do Mensageiro

O vento não caminha sozinho pelo espaço desabitado e cinzento do horizonte antigo. Antes de me apaixonar pela leveza terrena de Psiquê, meu sopro dividia a imensidão do céu com Íris, a deusa que costura as nuvens com linhas de cor viva e carrega os recados mais urgentes das autoridades máximas do Olimpo. Ela cruza o azul profundo com a rapidez de um susto bonito, deixando atrás de si um rastro de luz colorida que some no ar antes que os homens consigam apontar o dedo ou registrar o milagre com os olhos. Íris foi o frescor original que ensinou minha voz a ter paciência com o silêncio das pedras e com a lentidão das estações do ano.

Agora, enquanto ela viaja entre as massas de ar com suas mensagens distantes, eu permaneço rente ao chão da terra para guiar os passos dos mortais que não sabem para onde ir no meio do nevoeiro do cotidiano. Meu trabalho mudou completamente porque o destino do coração exige uma rota muito mais demorada, profunda e perigosa. Preciso soprar o medo que se acumulou no peito dos homens comuns e empurrar as velas dos barcos comerciais até o lugar exato onde as verdades mais duras da vida estão guardadas na solidez da pedra.

O meu amor por Psiquê não apaga a beleza da luz que Íris espalha no horizonte; são apenas duas forças diferentes que dividem o mesmo território da poesia contemporânea. Uma é o arco de cor que enfeita o teto do mundo como um anúncio de jornal antigo, a outra é a alma sem peso que caminha descalça pela poeira da rua da província. Conduzo a memória desse afeto antigo enquanto preparo o meu sopro para o próximo translado. O papel aceita essa transição porque sabe que a cor e o vento nasceram do mesmo suspense feliz da atmosfera.

Movimento II: A Viagem do Pai

O rei daquela província envelheceu dez anos em poucas semanas por causa do silêncio que se instalou nos pátios internos de sua propriedade particular. O palácio real, outrora barulhento e alegre por causa das festas dinásticas, dos músicos contratados e dos banquetes que duravam até o amanhecer, transformou-se em um corredor frio de ecos compridos, guias burocráticas esquecidas e salas vazias. Os pretendentes ricos sumiram das estradas de terra batida e nenhum príncipe das redondezas aceitava pedir a mão da terceira filha em casamento legítimo. O povo das vilas admirava Psiquê como se ela fosse um milagre gratuito exposto na praça do mercado público.

Nenhum homem comum queria colocar uma divindade viva dentro de casa para lavar as panelas de ferro ou cuidar das plantas comuns do jardim. O excesso de beleza isolava a menina do convívio social como se fosse uma doença rara, uma quebra no regulamento ou uma multa pesada aplicada pelo céu. Assustado com a solidão da filha e com a falta de movimento nos balcões das feiras, o velho pai decidiu tomar uma atitude drástica para resolver o impasse administrativo da família.

Ele calçou suas sandálias de couro mais resistentes, pegou o

cajado de madeira e iniciou a subida lenta da estrada da montanha mais alta. Ele precisava viajar até a cidade sagrada de Delfos para interrogar o Oráculo de Apolo e descobrir o tamanho do castigo que os fiscais dos deuses haviam reservado para a sua descendência na terra. O rei caminhava sob o peso esmagador da incerteza jurídica, sabendo que as leis do céu não costumam ter piedade das dinastias falidas dos homens mortais.

Movimento III: O Templo de Vidro e Mármore

O santuário de Apolo ficava pendurado em um penhasco muito alto, bem no lugar onde as águias costumam fazer os seus ninhos longe do alcance dos fiscais e dos caçadores da província. O edifício principal não tinha o luxo exagerado ou os ornamentos barrocos dos palácios da capital, mas impunha respeito pela limpeza absoluta de suas formas geométricas, retas e limpas. O mármore branco das paredes brilhava tanto sob o sol do meio-dia que chegava a machucar os olhos dos peregrinos que subiam a ladeira de terra batida como se estivessem entrando em uma sala de espelhos modernos.

Não havia portas pesadas, trincos de bronze ou guardas armados nas entradas principais do santuário; o pátio permanecia escancarado dia e noite para que o vento pudesse circular livremente entre as colunas redondas e os arquivos de pedra. O silêncio daquele lugar era tão denso e compacto que o barulho dos passos cansados do rei parecia o som de vidros quebrando no meio do mato. Apolo governava aquela estrutura imensa através do vazio, do silêncio e da claridade total.

O deus provava aos visitantes que a autoridade do invisível funciona muito melhor quando não precisa usar palavras

vulgares, discursos longos ou circulares internas para se fazer notar na terra. Os altares de pedra não tinham manchas de sangue ou restos de animais sacrificados, pois o senhor da luz exigia apenas a pureza do pensamento e o respeito ao desenho do tempo. O rei sentiu o frio do mármore subir pelas solas das sandálias e compreendeu que ali a burocracia humana não tinha nenhum valor legal.

Movimento IV: A Voz da Sibila

A sibila morava em uma caverna escura e úmida que ficava escondida logo abaixo do altar de mármore do templo principal, um espaço que parecia o porão de uma antiga repartição esquecida. Ela era uma mulher sem idade definida, com o rosto inteiramente marcado pelas rugas do tempo e os olhos fixos em um ponto invisível do teto de pedra áspera. O corpo magro dela cheirava a folhas secas queimadas, a fumaça de ervas aromáticas e a poeira antiga de relatórios arquivados. Quando o velho rei se ajoelhou no chão úmido para fazer a sua pergunta de pai aflito, a profetisa não respondeu com a voz normal de uma criatura humana.

Ela abriu a boca escura e deixou que o meu próprio sopro de vento saísse de sua garganta com a força de uma ventania de inverno, transformando o bizarro milagre do transe em uma melodia mansa, assustadora e perfeitamente ritmada. A sibila tremia na cadeira de bronze enquanto a mensagem do céu chacoalhava os seus ossos velhos como uma máquina antiga em pleno funcionamento. A verdade do destino não veio escrita em um relatório longo ou cheia de explicações jurídicas para acalmar o coração do governante.

A resposta veio em frases curtas e secas que cortaram a esperança do velho como uma faca de ferro afiada no esmeril do ferreiro. O mistério falava através da carne cansada daquela mulher, provando que os deuses usam o estranhamento do mundo para quebrar o orgulho dos reis. Cada palavra dita pela profetisa caía no silêncio da caverna com o peso de uma estátua de mármore que cai do pedestal e se quebra na calçada da rua.

Movimento V: A Profecia na Pedra

A ordem terrível do Oráculo de Apolo foi escrita no ar pelo eco demorado daquela caverna de pedra úmida e fria. O comando era claro e não aceitava nenhuma apelação, recurso ou emenda burocrática por parte das leis vigentes dos homens. O velho rei deveria vestir sua filha Psiquê com as roupas pretas de um velório familiar e abandoná-la sozinha no topo do penhasco mais alto e isolado da província. A menina não seria esposa de um príncipe rico ou de um jovem guerreiro da corte, mas a noiva definitiva de uma criatura monstruosa e cruel que assustava os próprios deuses do Olimpo com as suas asas de ferro e seu veneno mortal.

O velho pai chorou lágrimas salgadas durante todo o caminho de volta para casa, sentindo nos ombros o peso esmagador daquela sentença divina que ele não conseguia apagar com nenhuma borracha ou decreto real de gaveta. Ele não compreendia, na sua ignorância de mortal, que o bizarro na boca dos deuses é apenas o início de uma poesia que os homens comuns ainda não sabem ler ou decifrar no jornal da manhã.

Do alto da minha colina invisível, eu acompanhava o desespero e a marcha lenta da comitiva real pelas estradas

de terra batida da província. Eu sentia um contentamento profundo e secreto porque sabia que o monstro anunciado pela boca da sibila era apenas o disfarce poético que eu precisava para afastar a alma da rigidez da cidade e iniciar o nosso casamento no escuro. O susto do povo seria o vento que empurraria a beleza pura para os meus braços de ar.

O CORTEJO DA SOLIDÃO

Movimento I: O Veredito do Palácio

A notícia da profecia de Apolo espalhou-se pelos corredores do palácio com a velocidade de uma tinta escura que cai sobre o tapete claro da sala de recepção. O veredito do destino não aceitava nenhum tipo de protocolo de atraso ou recurso de última hora por parte dos advogados da coroa. O rei, derrotado pelo peso das ordens divinas, assinou o decreto de desterro da filha com a mesma caneta que usava para aprovar os impostos sobre o trigo e o azeite da província. A corte inteira vestiu o luto oficial exigido pelo regulamento religioso, transformando a alegria do palácio em um arquivo cinzento de lamentações repetidas.

Os ministros e os secretários de estado organizavam os papéis do evento fúnebre com o mesmo cuidado mecânico com que organizavam o censo demográfico das vilas distantes. A burocracia do sofrimento operava com precisão milimétrica nas repartições públicas do reino antigo. Ninguém ousava levantar a voz contra o desenho daquela linha reta que os deuses haviam traçado para a destruição da família real. Psiquê assistia ao movimento dos funcionários com o silêncio de quem já não pertencia ao catálogo dos seres vivos da terra.

Ela via as costureiras da corte medirem o seu corpo jovem

para o feitio das roupas pretas, sem que nenhuma lágrima caísse de seus olhos calmos sobre o chão de madeira. A menina aceitava o absurdo daquela sentença com uma vanguarda mansa que os conselheiros do rei não conseguiam catalogar em seus manuais de filosofia moral. Do meu posto invisível nas frestas das colunas do pátio interno, eu observava o funcionamento daquela engrenagem administrativa do medo humano. Meu sopro recolhia o cheiro do incenso fúnebre e o barulho dos carimbos oficiais que selavam o destino da minha amada sem peso. Eu sabia que o pânico daqueles homens era apenas a moldura pesada que o destino precisava para destacar a pintura limpa do nosso afeto oculto.

Movimento II: As Vestes do Velório

O guarda-roupa do casamento de Psiquê foi desenhado de acordo com as regras rígidas do pior dos pesadelos burocráticos da província. O vestido de noiva não tinha os bordados de ouro ou os véus transparentes que as filhas dos reis costumam usar nas festas de primavera. A roupa era feita de um tecido pesado, escuro e fosco que lembrava o pano que os funcionários usavam para cobrir as mesas das repartições públicas no final do expediente de sexta-feira. O véu que cobria o rosto da menina não servia para esconder o rubor do amor, mas para isolar a sua luz do comércio dos olhos dos viventes.

As joias da comitiva fúnebre eram de um metal opaco, sem brilho e sem o suspense feliz das pedras preciosas que refletem a luz do sol do meio-dia nas vidraças. Os sapatos de Psiquê foram feitos com solas de chumbo para que ela sentisse o atrito real da gravidade a cada passo dado em direção ao penhasco do sacrifício. A moda do velório real funcionava como uma barreira geométrica destinada a esmagar qualquer vestígio de autonomia individual ou de beleza independente na terra. Os alfaiates da coroa trabalhavam em silêncio mecânico, cortando e costurando o pano preto sob a fiscalização atenta dos sacerdotes mais

velhos do templo de Afrodite.

Cada ponto dado pela agulha parecia um carimbo de conformidade aplicado sobre a pele da terceira filha do rei. Psiquê deixava-se vestir com a paciência das estátuas que Afrodite tanto admirava em seus altares de mármore limpo. No entanto, por baixo daquele tecido pesado e sem vida, o coração da menina batia com um ritmo próprio que os funcionários do palácio não podiam escutar ou medir com seus instrumentos de precisão. Ela sabia que as roupas do velório eram apenas um disfarce temporário exigido pela rotina cinzenta dos homens para aceitarem o mistério.

Movimento III: A Subida ao Penhasco

A marcha em direção ao topo da montanha começou no milésimo de segundo em que o relógio da torre central bateu a primeira hora da tarde de outono. A ladeira de terra batida que levava ao penhasco mais alto transformou-se em uma avenida de calmaria forçada e passos arrastados pelas pedras soltas do caminho. O rei caminhava na frente da comitiva com o cajado de madeira batendo no chão como o metrônomo de uma música triste que ninguém queria cantar em voz alta. Atrás dele, os soldados da guarda real carregavam as tochas apagadas e os escudos de bronze cobertos por uma camada espessa de poeira cinzenta.

Psiquê marchava no centro daquele retângulo humano com a leveza de quem flutua sobre a desgraça da matéria sólida. Seus pés de chumbo não conseguiam prender o seu espírito ao chão da província que ela estava abandonando para sempre. O trajeto até o topo era uma linha reta desenhada pela engenharia do medo estatal, uma subida que desafiava a paciência dos cavalos e o fôlego dos velhos conselheiros da corte. O vento oeste acompanhava o avanço daquele cortejo solene com a discrição de um funcionário que limpa o pátio depois da festa dinástica.

Eu me misturava à poeira da estrada para não assustar os peregrinos com a velocidade do meu sopro real. Eu via o contraste perfeito entre a rigidez das fardas dos militares e o tremor sutil das folhas das árvores que assistiam à passagem da menina sem peso. A subida ao penhasco era o teste definitivo da matéria contra o símbolo vivo da sensibilidade pura. A sociedade reta empurrava a sua criatura mais bonita para fora das margens do mapa comercial, acreditando que a entrega do corpo ao monstro salvaria o resto da burocracia urbana das multas do céu.

Movimento IV: As Lágrimas do Povo

As calçadas da estrada da montanha estavam ocupadas por uma multidão de operários, comerciantes de feira e donas de casa que abandonaram o serviço doméstico para chorar a perda da terceira filha do rei. O pranto daquela gente simples não seguia o roteiro oficial dos manuais de liturgia religiosa que os sacerdotes distribuíam nas escadarias do templo. As lágrimas caíam sobre o pó da terra com a gratuidade de uma chuva de verão que não pede licença aos fiscais da prefeitura para molhar as calçadas. Os homens batiam no peito com as mãos sujas de graxa e de terra, sentindo que a saída de Psiquê representava o fechamento definitivo da única janela de poesia que o mundo real possuía.

O comércio das lojas principais parou de funcionar de verdade porque os clientes preferiam gastar o seu estoque de atenção com o suspense feliz daquele funeral de luxo absurdo. O choro do povo era um bizarro protesto mudo contra a rigidez geométrica das ordens de Afrodite e contra a fraqueza jurídica do velho monarca. As pessoas jogavam pétalas de flores murchas e folhas secas sobre o caminho preto de Psiquê, transformando a estrada da destruição em um tapete de pura autonomia afetiva.

A dor dos mortais era sincera e exocêntrica, incompatível com o utilitarismo mecânico dos escritórios de contabilidade da capital. Da minha posição aérea no topo das árvores mais altas, eu recolhia aquele clamor popular para transformá-lo na trilha sonora do meu próprio mistério poético. Eu compreendia que o sentimento mais verdadeiro dos homens sempre se manifesta na periferia dos santuários oficiais e nas margens desabitadas da história escrita pelos escrivães da coroa. As lágrimas do povo lavavam a poeira das sandálias de Psiquê, preparando a sua alma para o encontro com o invisível.

Movimento V: O Abandono no Topo

O cortejo fúnebre atingiu o limite geográfico do penhasco no exato momento em que o sol perdia a sua força de retenção no horizonte cinzento da província. O velho rei deu o último abraço na filha com o tremor de quem assina a falência definitiva de sua própria dinastia de pedra. Os soldados recuaram em formação de batalha, deixando a menina sozinha no centro daquela plataforma de rocha nua que avançava sobre o vazio do espaço aberto. A comitiva real iniciou a descida de volta para a cidade com a pressa de quem foge de uma cena de crime ou de uma auditoria fiscal inesperada.

Eles não queriam estar por perto quando o monstro de asas de ferro descesse do céu para cobrar a sua dívida de carne e osso. O silêncio que se instalou no topo da montanha era tão compacto que Psiquê conseguia escutar o barulho das ondas do mar batendo contra a base do penhasco, centenas de metros abaixo de seus pés calçados de chumbo. Ela permaneceu imóvel na escuridão que começava a colonizar o horizonte, vestida com as roupas pretas do velório e cercada pelo vazio do papel em branco.

A menina não tinha medo do monstro anunciado pelo Oráculo porque a sua alma sem peso já havia renunciado

ao atrito com o mundo real das lojas e das repartições. Ela esperava o fim com a dignidade de quem sabe que a verdadeira beleza habita o ponto cego do Real. Foi ali, no patamar mais isolado da matéria sólida, que o meu trabalho invisível de translado começou a operar com a precisão de um relógio de sol. Aproximei meu sopro mansa e pacientemente do corpo da menina, pronto para quebrar o decreto de Afrodite e inaugurar o nosso pacto no escuro.

O PALÁCIO DO VAZIO

Movimento I: O Resgate Invisível

O abandono no topo da montanha durou apenas o tempo necessário para que o último soldado do rei desaparecesse na curva da ladeira de terra batida. No instante em que o silêncio da noite colonizou o penhasco, meu sopro avançou sobre a plataforma de rocha nua com a delicadeza de quem desfaz um nó de marinheiro sem rasgar a corda. Eu não era o monstro de asas de ferro anunciado pela boca assustadora da sibila, mas a aragem poética que recolhe a sensibilidade do mundo antes que o atrito da matéria consiga destruir a sua integridade original.

Aproximei minhas massas de ar do corpo de Psiquê e suspendi seus pés calçados de chumbo com a mesma facilidade com que o vento da tarde levanta uma folha de papel em branco jogada no meio do pátio deserto da repartição. A menina não gritou ou debateu os braços no espaço aberto; ela fechou os olhos calmos e aceitou o bizarro milagre do translado com o suspense feliz de quem descobre uma nova lei da física. O deslocamento pelo céu escuro foi uma linha reta traçada fora do alcance das réguas e das fiscalizações do império de Afrodite.

Carreguei a terceira filha do rei através das nuvens frias, sentindo que a sua alma sem peso não oferecia nenhuma

resistência ao meu curso invisível. Nós voamos para longe das avenidas comerciais da província e das filas burocráticas dos templos oficiais que cobravam o imposto da adoração mecânica. Eu era o motor do destino e ela era o símbolo vivo da vanguarda estética que precisava de um novo território para florescer de graça. O papel aceitou o desenho da nossa viagem aérea porque sabia que o invisível estava apenas cumprindo o seu papel de salvar a beleza do abraço mortal da pedra. Deixamos a cidade dos homens para trás como um arquivo morto de intenções esquecidas.

Movimento II: O Apartamento Minimalista

O destino final daquela viagem aérea não era uma caverna escura no meio da floresta ou um palácio barroco cheio de colunas pesadas e tapetes vermelhos de luxo antigo. Depositei o corpo de Psiquê no centro de um apartamento minimalista contemporâneo, uma estrutura de linhas limpas e paredes brancas que parecia desenhada pela arquitetura do silêncio absoluto. O espaço não possuía o excesso de móveis ordinários, os quadros de moldura dourada ou os vasos de porcelana importada que entulhavam as salas de recepção da corte real do velho pai.

Havia apenas o vazio prazeroso do concreto aparente, a amplidão do vidro transparente que dava para o horizonte sem fim e o piso polido que refletia a luz mansa das estrelas como o avesso de um espelho moderno de escritório. A habitação funcionava como um monumento de pura autonomia individual e descanso visual para os olhos cansados do comércio das feiras da província. As janelas imensas não tinham trincos de bronze ou cortinas pesadas de veludo escuro; a própria claridade da noite servia de barreira geométrica para proteger a solitude da nova moradora.

Psiquê caminhou pelas salas despidas sentindo a textura

lisa do chão sob as solas das sandálias, experimentando o contentamento profundo de quem descobre que a verdadeira sofisticação reside na ausência completa de ornamentos desnecessários. O apartamento minimalista era o avesso perfeito da rigidez dinástica da cidade antiga, um território livre onde as regras do hábito visual não conseguiam colonizar o olhar ou engessar o movimento do ser. A matéria ali havia sido purgada de sua pressa burocrática para dar lugar ao suspense feliz de uma existência sem moldura ou inventário de bens.

Movimento III: O Banquete sem Garçons

A primeira fome da noite foi resolvida de uma forma bizarra e poética que quebrou totalmente o automatismo mecânico dos banquetes reais do palácio. No centro da sala de jantar minimalista, uma mesa de madeira clara e linhas perfeitamente retas sustentava uma bandeja de prata polida, mas não havia nenhum garçom de farda, cozinheiro de avental ou funcionário público para servir a refeição da filha do rei. A comida surgia sobre a superfície limpa através de sinais invisíveis que operavam no espaço com a precisão silenciosa de um relógio de sol moderno.

Os pratos de cerâmica fosca traziam pães frescos que cheiravam a trigo novo, frutas colhidas no ponto exato da maturação e taças de vidro cheias de uma água clara que parecia ter nascido do próprio frescor da atmosfera da noite. Psiquê sentou-se na cadeira de design simples sem precisar pedir licença aos fiscais da etiqueta ou aos mestres de cerimônia da corte de seu pai. Ela era servida pelo próprio vazio do palácio, transformando o ato ordinário de comer em um ritual de pura gratuidade e autonomia estética.

As mãos invisíveis que organizavam os talheres de metal leve não faziam barulho de pratos quebrando ou ordens

gritadas na cozinha da província. A refeição transcorria em uma calmaria acolhedora, provando que o patamar mais alto do prazer sempre se manifesta na periferia das obrigações sociais e fora do catálogo dos restaurantes caros da avenida principal. A menina saboreava cada pedaço com a tranquilidade de quem já não precisava prestar contas de sua beleza para os livros de registro do comércio urbano. O banquete sem corpos era a celebração mansa da nossa independência material.

Movimento IV: As Vozes nas Paredes

Depois que a bandeja de prata desapareceu da mesa de madeira clara sem deixar nenhuma mancha de gordura ou rastro de sujeira no tampo, o silêncio do apartamento começou a falar através das paredes brancas. As vozes que habitavam o espaço abstrato não possuíam o peso da carne ou o ruído vulgar dos discursos oficiais que os sacerdotes recitavam nas escadarias do templo de Afrodite. Eram sussurros feitos de puro ar deslocado, sinais acústicos que flutuavam pelos cantos da sala com a suavidade de uma melodia tocada no rádio da província em uma madrugada de inverno.

As vozes invisíveis apresentavam-se como as novas funcionárias daquela solitude prazerosa, empregadas sem rosto que cuidavam do bem-estar de Psiquê sem cobrar nenhuma taxa de serviço ou exigir o carimbo de conformidade do palácio real. Elas diziam que o apartamento inteiro pertencia à sensibilidade da menina e que o dono daquele mistério poético chegaria apenas quando a luz do sol perdesse totalmente o seu poder de retenção no horizonte.

Psiquê escutava os recados aéreos com um sorriso calmo nos lábios, sentindo o peito se encher de um suspense feliz que

não vinha acompanhado pelo medo do monstro anunciado pelo Oráculo de Apolo. Os sinais invisíveis nas paredes funcionavam como uma nova sintaxe de comunicação afetiva, uma linguagem despida de termos difíceis ou ordens burocráticas que quebrava o hábito do cotidiano mecânico da antiga sociedade reta. A Alma compreendia que a sua busca havia encontrado um abrigo legítimo na periferia do Real, onde as paredes brancas serviam de moldura para o próprio silêncio.

Movimento V: O Sono na Solitude

O cansaço da viagem e o peso das emoções do funeral de luxo absurdo conduziram Psiquê em direção ao quarto de dormir no final da noite de outono. A cama de casal estava posicionada bem no centro do quarto desnudado, estendida sobre o piso de concreto aparente com lençóis de linho branco que cheiravam ao frescor do vento oeste que havia limpado a atmosfera. Não havia criados para apagar as luzes ou fechar as vidraças imensas que davam para o vazio do espaço aberto da colina.

O próprio avanço da escuridão natural serviu de cobertor para os olhos da terceira filha do rei, que se deitou sobre o colchão macio sem precisar calçar as sandálias ou vestir o casaco pesado do velório familiar. A solitude do quarto não trazia a sensação de abandono ou o terror do isolamento burocrático que ela experimentara no topo do penhasco do sacrifício humano; trazia o contentamento profundo de quem habita a integridade de uma paz conquistada na margem esquerda do texto.

A menina respirava com o ritmo calmo das marés distantes, deixando que o seu espírito sem peso flutuasse nas águas tranquilas de um sono sem pesadelos ou obrigações com o relógio da torre central da cidade antiga. Ela estava

perfeitamente protegida contra as ameaças da fúria institucionalizada de Afrodite e contra as cobranças comerciais da vida comum. Do meu posto invisível na cabeceira da cama de linho, eu velava o descanso da minha amada sem corpo, consciente de que o silêncio daquela noite era o preâmbulo exato para o início do nosso pacto no escuro.

O CASAMENTO NO ESCURO

Movimento I: A Chegada da Noite

O recolhimento do sol no horizonte cinzento da colina disparou o cronômetro natural que governava as leis daquele apartamento minimalista. A escuridão não desceu sobre as paredes brancas com o peso assustador de uma tempestade de inverno, mas com a suavidade de uma cortina de veludo fosco que apaga os ruídos do comércio da província. Psiquê permanecia deitada sobre os lençóis de linho claro, sentindo que o quarto despojado se transformava em um pátio de puras intenções invisíveis. As janelas imensas perderam a transparência do vidro moderno para virar placas de um preto profundo que isolava o quarto de dormir de qualquer fiscalização externa da antiga sociedade reta.

A menina não sentia a necessidade burocrática de acender uma lamparina de latão ou de buscar o fósforo na gaveta da mesa de cabeceira. Ela compreendia que a falta de luz táctil era a primeira cláusula do regulamento daquela nova morada poética. A escuridão ali não funcionava como uma negação do mundo real, mas como um espaço de descanso visual para os olhos cansados das filas burocráticas do templo de Afrodite. O silêncio do ambiente era tão denso que a terceira filha do rei conseguia escutar o

compasso de seu próprio coração batendo no peito com a tranquilidade de quem já não precisava bater o ponto no relógio da torre central da cidade antiga.

Foi nesse milésimo de segundo de calmaria absoluta que o meu sopro cruzou o vão da porta do quarto com a precisão de um ponteiro de relógio de sol. Eu me aproximei do colchão de linho sem fazer o barulho de passos humanos sobre o piso de concreto aparente, trazendo comigo o frescor térmico que habita o avesso dos dias úteis. O papel aceitou o início desse encontro noturno porque sabia que a Alma estava pronta para assinar o seu contrato de afeto com o invisível. Minha voz aérea espalhou-se pelo espaço escuro como uma melodia mansa tocada no rádio da província na hora da madrugada, inaugurando o suspense feliz do nosso primeiro contato.

Movimento II: O Romance sem Corpos

O casamento no ponto cego do Real consolidou-se sem a necessidade de documentos carimbados pelos escrivães da coroa ou de festas dinásticas barulhentas. Na escuridão completa daquele quarto minimalista, nosso romance acontecia de forma pura, despido do atrito pesado da carne e das cobranças visuais da sociedade comum. Psiquê não conseguia enxergar as linhas do meu rosto ou o desenho do meu corpo no espaço, mas experimentava a integridade da minha presença através do toque sutil das massas de ar que contornavam a sua pele com a suavidade de uma carícia de outono.

Eu era o marido invisível que falava ao seu ouvido com frases curtas e diretas, transformando o bizarro mistério daquela união noturna em um território de legítima autonomia afetiva. A menina conversava com o vento como se estivesse dialogando com a parte mais bonita de sua própria sensibilidade de vanguarda. Nós partilhávamos o silêncio da noite sem a urgência mecânica dos amantes mortais que precisam da confirmação do espelho para acreditar no sentimento. O amor entre a Alma e o Sopro operava na periferia das obrigações biológicas, provando que o patamar mais alto do afeto atinge sua plenitude fora

do catálogo dos costumes tradicionais do povo.

Minhas mãos de ar desfaziam os nós das roupas pretas do velório familiar sem causar o menor ruído de tecidos se arrastando pelo chão de pedra polida do apartamento. Psiquê entregava-se ao suspense feliz daquele casamento sem corpos com um contentamento quase aristocrático, esquecendo completamente as regras rígidas da província e os boatos comerciais sobre o monstro de asas de ferro anunciado pelo Oráculo de Apolo. Ela compreendia, no seu silêncio íntimo, que a verdadeira beleza não precisa de molduras tridimensionais fáceis para se manifestar no mundo. Nosso pacto operava no avesso da matéria sólida.

Movimento III: O Ponto Cego do Real

A nossa união noturna dependia do cumprimento rigoroso de uma única e estrita regra estabelecida pela gerência do destino. Nós só podíamos nos amar no ponto cego do Real, ou seja, na completa ausência de luz artificial ou confirmação visual de qualquer espécie. No momento em que o primeiro feixe de claridade cortasse a escuridão do quarto minimalista, o encanto poético da nossa rotina de solitude prazerosa seria suspenso pelas autoridades burocráticas do céu. Psiquê aceitava essa restrição geométrica com a paciência mansa de quem sabe que o excesso de nitidez costuma desgastar o mistério das coisas do coração.

Ela não tentava passar a mão na parede para achar o interruptor moderno ou acender a chama de uma vela ordinária para vigiar o meu sono de vento. O ponto cego era o nosso santuário de resistência contra o automatismo mecânico da antiga sociedade reta que precisava inventariar e catalogar tudo dentro de arquivos mortos. Naquela escuridão sem frestas, a terceira filha do rei encontrou a liberdade que os palácios de mármore de seu pai nunca conseguiram oferecer nos dias úteis da semana.

O sentimento funcionava ali como uma engrenagem

invisível que não deixava rastros térmicos na superfície do colchão de linho branco. Eu governava a intensidade daquele isolamento feliz com a precisão de um funcionário dedicado ao bem-estar da sensibilidade humana. O bizarro milagre de amar um marido sem rosto virou o hábito mais bonito da rotina de Psiquê, uma quebra diária no regulamento do mundo comum que trazia um suspense feliz para o peito da menina. Nós éramos dois seres exocêntricos que habitavam a margem esquerda do texto escrito pelos deuses, protegidos contra as ameaças do comércio visual da província.

Movimento IV: O Pacto do Silêncio

O pacto que selava a nossa convivência no apartamento minimalista ia muito além da falta de luz; exigia também o silêncio absoluto sobre a mecânica do nosso casamento no escuro. Durante as horas em que o sol governava o movimento das lojas na cidade antiga, Psiquê permanecia sozinha nas salas despidas, guardando o segredo do marido invisível como quem guarda uma guia burocrática de valor inestimável. Ela não podia enviar cartas para a família real ou comentar com as vozes nas paredes os detalhes da melodia mansa que escutava na madrugada.

A quebra desse sigilo poético significaria a abertura imediata das portas para a entrada da inveja e da fúria institucional de Afrodite. O silêncio funcionava como o muro invisível que protegia a integridade da nossa vanguarda estética contra o atrito dos comentários vulgares dos funcionários públicos da corte. Psiquê gerenciava a sua solitude diurna com a tranquilidade de quem possui um tesouro oculto que não precisa ser declarado no imposto de renda da província. Ela andava pelas calçadas do terraço de vidro sentindo o frescor do meu sopro diário, sabendo que a aragem que limpava o horizonte era a mesma voz que a abraçava na escuridão do quarto de dormir.

O pacto do silêncio era a nossa apelação jurídica contra o barulho desnecessário do cotidiano ordinário dos homens mortais. A menina compreendia que falar sobre o invisível para mentes retas seria o mesmo que rasgar uma folha de papel em branco cheia de poesia legítima. Ela preferia calar a boca e deixar que o suspense feliz do segredo alimentasse a sua alma sem peso durante os dias longos de espera. O recolhimento era o preço que pagávamos de bom grado para manter o amor fora do arquivo morto.

Movimento V: O Amanhecer Oculto

O final da noite de outono era anunciado pela sutil desaceleração das massas de ar que circulavam pelo quarto minimalista do casal. Antes que o primeiro funcionário da prefeitura acordasse para limpar as calçadas da cidade antiga, eu precisava recolher o meu sopro do colchão de linho branco e desaparecer pelas vidraças imensas do terraço. O amanhecer funcionava como um aviso de despejo temporário que me obrigava a abandonar o corpo da minha amada sem peso para não quebrar a cláusula principal do nosso regulamento noturno.

Eu dava o último beijo de ar na nuca de Psiquê com a rapidez de um susto bonito, deixando um rastro térmico que sumia na atmosfera antes que a luz do sol ganhasse força de retenção no céu da província. A menina despertava no meio das salas despidas sem o mau humor dos dias de semana ou o cansaço mecânico das rotinas de trabalho do palácio real. Ela encontrava a mesa de madeira clara já organizada pelas vozes nas paredes para o banquete sem garçons da manhã, sentindo o contentamento profundo de quem iniciaria mais um dia de solitude prazerosa na periferia do Real.

O amanhecer oculto marcava a separação dos nossos

mundos, mas não apagava o suspense feliz que ficava flutuando nos cantos do apartamento minimalista contemporâneo. Psiquê sabia que o vento oeste voltaria a ter paciência com o seu silêncio assim que as luzes do comércio urbano se apagassem nas avenidas principais lá embaixo. Ela vivia na expectativa mansa do retorno da escuridão, consciente de que o nosso casamento no escuro era a única poesia verdadeira que restara no meio da rigidez daquela sociedade de pedra clara. O papel esperava a próxima noite.

A VISITA DAS IRMÃS

Movimento I: O Clamor no Penhasco

As duas irmãs mais velhas de Psiquê voltaram ao topo da montanha isolada assim que o período de luto oficial decretado pelo palácio real chegou ao seu término burocrático. Elas não subiram a ladeira de terra batida movidas por uma saudade sincera ou pelo suspense feliz de reencontrar a caçula da dinastia, mas pela urgência mecânica de recolher os restos do velório e conferir o andamento do castigo divino. Ao atingirem a plataforma de rocha nua onde a menina havia sido abandonada com os pés calçados de chumbo, as duas mulheres depararam-se com o vazio absoluto do papel em branco. Não havia sinais de ossos humanos, restos de roupas pretas rasgadas ou marcas de sangue do monstro anunciado pelo Oráculo de Apolo.

Assustadas com a calmaria estranha do lugar e com o silêncio compacto que subia da base do penhasco, as irmãs começaram a gritar o nome de Psiquê em direção ao horizonte cinzento da província. O clamor daquelas vozes vulgares cortava as massas de ar com a pressa estridente de quem exige uma resposta imediata de uma repartição pública em dia de auditoria fiscal. Elas batiam com os sapatos pesados contra a pedra nua, gerando um ruído feio

que quebrava o automatismo poético da tarde de outono e assustava as águias que moravam nas frestas da montanha mais alta. O choro delas não continha a gratuidade das lágrimas do povo simples que havíamos testemunhado nas calçadas da cidade antiga.

Era um pranto calculado, uma burocracia de lamentações fingidas destinada a chamar a atenção dos fiscais do reino e dos marinheiros que passavam com suas mercadorias valiosas pelo porto lá embaixo. Do meu posto invisível na periferia da colina, eu acompanhava o impacto daquela invasão barulhenta no meu território aéreo, sentindo que o eco daquelas vozes começava a perturbar a paz do nosso apartamento minimalista contemporâneo. O vento oeste guardava o suspense do mistério, mas o destino exigia que o clamor das parentes chegasse até os ouvidos atentos da Alma.

Movimento II: A Permissão do Sopro

Os gritos estridentes das irmãs atravessaram as janelas imensas do palácio do vazio e atingiram o coração calmo de Psiquê no meio de sua solitude diurna. Ao reconhecer o sotaque familiar de sua antiga província, a terceira filha do rei experimentou uma quebra na calmaria mansa de sua rotina e sentiu a urgência de consolar o pranto daquelas mulheres. Quando a noite colonizou o horizonte com sua cortina de veludo fosco, a menina aproveitou o suspense feliz do nosso romance sem corpos para fazer um pedido bizarro ao seu marido invisível. Ela ajoelhou-se sobre os lençóis de linho branco e pediu que o meu sopro permitisse a entrada de suas parentes naquele território de legítima autonomia estética.

Eu avisei ao ouvido da minha amada sem peso, com frases curtas, secas e diretas, sobre os perigos ocultos que habitavam o atrito com o mundo real das lojas e das repartições públicas. Expliquei pacientemente que as mentes retas daquela sociedade de pedra clara eram incapazes de tolerar a excentricidade do ser e a gratuidade de um amor que opera no ponto cego do Real. O pacto do silêncio corria o risco de ser rasgado pelo veneno da curiosidade burocrática daquelas visitantes vulgares que

precisavam inventariar tudo dentro de arquivos mortos. No entanto, diante das lágrimas sinceras que começaram a brotar dos olhos da menina, o vento oeste cedeu à fragilidade do afeto humano.

Concordei em abrir as portas do nosso santuário invisível por causa do contentamento profundo que sentia em agradar a sensibilidade de Psiquê. Assumi o encargo de gerenciar aquele translado perigoso com a precisão mecânica de um funcionário dedicado, sabendo que a permissão do sopro seria a primeira fresta de luz mecânica a ameaçar a integridade do nosso casamento no escuro. O papel aceitou o risco da nova cláusula contratual porque compreendia que a Alma precisava testar a sua própria força contra a rigidez do passado dinástico.

Movimento III: O Translado das Invejosas

No milésimo de segundo em que o sol da manhã seguinte perdeu o seu poder de retenção no céu da província, executei o decreto do translado com a velocidade de um susto bonito. Aproximei minhas massas de ar do topo do penhasco mais alto e colhi os corpos pesados das duas irmãs da plataforma de rocha nua, antes que elas pudessem entender a engenharia daquele milagre bizarro. Eu não usei a força bruta de uma tempestade barulhenta que quebra as árvores da praça pública, mas a suavidade de uma aragem mansa que transporta as folhas secas pelas calçadas da avenida principal. As duas mulheres flutuaram pelo espaço aberto com os olhos arregalados pelo espanto mecânico, sentindo o atrito do ar deslocado contra as suas roupas caras de veludo.

Elas caminhavam pelo céu sem deixar nenhuma marca de rastro térmico na atmosfera antiga, experimentando o suspense feliz e assustador de quem é governado por uma lei da física que não consta nos manuais das escolas do reino. Depositei os pés daquelas criaturas vulgares diretamente sobre o piso de concreto aparente do nosso apartamento minimalista contemporâneo, bem no centro da sala despojada que dava para o horizonte sem fim através do

vidro transparente. O deslocamento aéreo funcionou como uma ponte perfeita entre o cotidiano ordinário da cidade de pedra e a vanguarda estética do nosso isolamento feliz.

As irmãs caíram de joelhos no chão polido, tentando recuperar o fôlego gasto na viagem e ajeitar os cabelos desarrumados sob a precisão sutil do meu sopro real. Elas olhavam para os lados com o mau humor típico dos funcionários públicos que encontram uma gaveta aberta fora do horário de expediente administrativo. Psiquê correu ao encontro das duas com os braços abertos e um sorriso calmo nos lábios calados, inaugurando o bizarro reencontro da carne com o símbolo vivo da sensibilidade pura na margem esquerda do texto.

Movimento IV: O Deslumbre do Luxo

O deslumbre das visitantes começou no exato momento em que as vozes nas paredes brancas organizaram a mesa de madeira clara para o banquete sem garçons da recepção familiar. As irmãs assistiam ao bizarro milagre dos pratos de cerâmica fosca surgindo sobre a superfície limpa através de sinais invisíveis, sem que nenhum funcionário de farda ou mestre de cerimônia precisasse carimbar as guias da etiqueta real. Elas saboreavam os pães frescos que cheiravam a trigo novo e as frutas colhidas no ponto exato da maturação com a pressa cega de quem avalia o preço das mercadorias valiosas no mercado da província antiga.

A solitude prazerosa daquele apartamento minimalista ostentava um luxo abstrato que os palácios de mármore do velho rei nunca conseguiram oferecer durante os banquetes dinásticos da capital. Não havia o acúmulo de móveis ordinários ou vasos de porcelana para limpar, mas o próprio vazio do espaço desnudado transmitia uma sensação de pura autonomia e riqueza que assustava a rigidez daquelas mentes colonizadas pelo hábito do comércio visual. As duas mulheres faziam perguntas indiscretas a cada garfada, tentando descobrir o nome do dono daquele mistério poético e o tamanho do inventário de

bens que sustentava aquela habitação sem moldura.

Elas queriam saber se o marido de Psiquê era um príncipe de terras distantes ou um comerciante rico que possuía o controle das rotas dos navios de carga. A caçula respondia com frases curtas, mansas e evasivas, inventando relatórios fictícios sobre um jovem caçador que passava os dias úteis cuidando das florestas do continente. A mentira poética servia de barreira geométrica para proteger a integridade do pacto do silêncio contra o atrito dos comentários vulgares que começavam a circular pela mesa de jantar.

Movimento V: O Veneno da Dúvida

A partida das irmãs foi providenciada pelo meu sopro de vento no final da tarde de outono, antes que as luzes do comércio urbano começassem a se acender nas avenidas principais lá embaixo. Realizei o translado de volta para a plataforma de rocha nua com a mesma delicadeza mecânica, mas os corações daquelas duas mulheres já carregavam um peso escuro que nenhuma balança jurídica conseguiria medir com precisão. O deslumbre do luxo abstrato transformou-se em um ciúme doentio e em uma fúria institucional contra a excentricidade do ser que Psiquê manifestava no meio de sua nova morada. Elas não aceitavam que a caçula descalça vencesse a rigidez da sociedade reta.

Sentadas nas calçadas da ladeira de terra batida durante o caminho de descida para a cidade de pedra, as duas começaram a destilar o veneno da dúvida que mudaria o rumo da história antiga. Elas combinavam um plano insidioso para quebrar o encanto poético daquele casamento no escuro e destruir o isolamento feliz da irmã sem peso. Elas diziam que o jovem caçador inventado por Psiquê era, na verdade, o monstro terrível com asas de ferro anunciado pelo Oráculo de Apolo, uma criatura

monstruosa que estava engordando a menina para devorá-la no final do inverno.

O veneno da suspeita foi costurado com as linhas pretas do medo burocrático e do automatismo que rege o cotidiano ordinário dos homens mortais. Elas sabiam que a introdução de uma única lamparina de latão no ponto cego do Real seria o suficiente para colapsar toda a estrutura daquela vanguarda afetiva. As irmãs voltavam para suas casas com a mente cheia de relatórios destrutivos, conscientes de que o erro da Alma seria a vitória definitiva da pedra contra o voo do invisível.

A INSIDIOSA CURIOSIDADE

Movimento I: O Retorno dos Maridos

O plano de destruição daquela solitude prazerosa ganhou o reforço de novos agentes da rigidez cotidiana no início da segunda semana de outono. As duas irmãs mais velhas não voltaram sozinhas para as calçadas da ladeira de terra batida; elas trouxeram consigo os seus respectivos maridos, homens de negócios importantes que gerenciavam as rotas comerciais e os livros fiscais da província antiga. Essas figuras masculinas personificavam o patamar mais duro da antiga sociedade reta, mentes colonizadas pelo hábito de contar moedas e carimbar relatórios de impostos nas repartições da capital. Eles não possuíam o suspense feliz da poesia ou a sensibilidade para compreender o bizarro milagre de uma existência sem peso no espaço.

Para aqueles funcionários do Real, o apartamento minimalista contemporâneo e o banquete sem garçons eram irregularidades administrativas que precisavam ser interditadas pelas autoridades do céu. Eles caminhavam pelo chão de pedra com o mau humor típico dos auditores de alfândega, avaliando o custo das janelas imensas de vidro transparente e o valor comercial da madeira clara da mesa de jantar. Os maridos ajudaram a transformar o ciúme doentio das mulheres em uma estratégia jurídica e

fria para forçar a quebra do pacto do silêncio. Eles diziam que a falta de luz táctil no quarto de dormir servia apenas para acobertar uma fraude comercial ou o crime de uma criatura monstruosa que operava à margem da lei do palácio.

O clamor daquela comitiva burguesa ecoava pelas massas de ar com o ruído de moedas batendo no fundo de um saco de couro curtido. Do meu posto invisível nas nuvens baixas do horizonte, eu sentia a densidade da atmosfera mudar com o avanço daqueles corpos pesados. O vento oeste tentava desviar o rumo dos barcos e espalhar a poeira para cegar os invasores, mas o destino exigia que o atrito do mundo exterior testasse a integridade da Alma.

Movimento II: O Medo do Automatismo

A insistência dos parentes começou a desgastar a calmaria mansa que habitava o peito de Psiquê durante os dias longos de espera e solitude. As irmãs e os maridos aproveitavam as visitas diurnas para semear o medo do automatismo mecânico e do engano biológico na mente da terceira filha do rei. Eles passavam as horas úteis repetindo relatórios assustadores sobre o monstro de asas de ferro, afirmando que o marido invisível era uma serpente venenosa que fingia ser aragem apenas para engordar a menina antes do abate final. As palavras vulgares daquela gente reta funcionavam como carimbos de desconfiança aplicados sobre a superfície lisa da vanguarda afetiva que havíamos construído no ponto cego do Real.

Eles alertavam que aceitar o amor no escuro era uma atitude de pura passividade burocrática, um erro jurídico que entregava a autonomia do ser nas mãos de uma força desconhecida que não assinava nenhum documento de garantia. Psiquê escutava os discursos cinzentos com um aperto inédito no peito, sentindo que o suspense feliz de sua rotina noturna corria o risco de ser contaminado pela lógica fria dos escritórios de contabilidade. O veneno da dúvida agia como uma desaceleração programada de seus

pensamentos mais bonitos, fazendo a menina duvidar da integridade do próprio sopro que a abraçava na madrugada.

Ela olhava para as paredes brancas do apartamento minimalista e já não encontrava o mesmo descanso visual de antes; o espaço desnudado parecia agora a sala de espera de uma auditoria fiscal inesperada. O medo de ser enganada pela matéria bruta começou a quebrar a leveza de sua alma sem peso, provando que o atrito com o senso comum da província é capaz de engessar o voo mais livre da sensibilidade humana. A Alma balançava entre o símbolo vivo e a segurança da pedra clara.

Movimento III: O Conselho da Lamparina

No milésimo de segundo que antecedeu o final da última visita diurna daquela semana, os maridos das irmãs entregaram a Psiquê os instrumentos para a execução do erro definitivo. Eles não trouxeram conselhos filosóficos ou palavras de carinho fraternal, mas uma lamparina de latão ordinária e uma navalha de ferro afiada no esmeril do ferreiro da corte. O conselho daqueles homens retos foi curto, seco e despido de qualquer lirismo ou concessão sentimental ao mistério do afeto oculto. Eles ordenaram que a menina escondesse a lâmpada sob uma caixa de papelão fosco na cabeceira da cama de linho branco, esperando o momento exato em que o marido invisível caísse no sono profundo da madrugada.

Psiquê deveria quebrar o regulamento do destino e acender o pavio mecânico para jogar a luz da verdade sobre as linhas do corpo adormecido. Se o espelho revelasse as formas de uma serpente monstruosa, ela deveria usar a navalha para cortar o pescoço da criatura sem nenhuma piedade jurídica ou hesitação romântica. A engenharia daquela armadilha doméstica foi desenhada de acordo com as regras rígidas do bom comportamento visual da antiga sociedade reta, que exigia inventariar e catalogar tudo

dentro de arquivos mortos.

Eles acreditavam que a nitidez do fogo traria a segurança que faltava ao livro de registro da família real. A caçula recebeu os objetos de metal pesado com as mãos trêmulas, sentindo o peso da gravidade retornar às suas sandálias descalças como uma multa aplicada pelo céu. Ela aceitou o encargo da investigação por causa do pânico doentio que colonizara a sua mente de vanguarda. O papel registrava a preparação do crime contra a poesia, enquanto as vozes nas paredes brancas emudeciam diante do avanço daquela ordem geométrica.

Movimento IV: O Alarme do Coração

A partida daquela comitiva invejosa deixou o apartamento minimalista contemporâneo imerso em um silêncio que já não transmitia a sensação de solitude prazerosa ou contentamento profundo. Psiquê caminhava pelas salas despidas carregando a lamparina de latão e a navalha de ferro, sentindo o alarme do coração bater com a pressa cega dos relógios mecânicos das fábricas da província. A menina tentava recuperar a calmaria mansa de sua rotina de vanguarda, mas o veneno da dúvida já havia alterado o rastro térmico de seus pensamentos mais íntimos. Ela olhava para o horizonte através do vidro transparente do terraço e não conseguia escutar o suspense feliz que o meu sopro costumava espalhar no ar da tarde.

O alarme interno funcionava como uma quebra no regulamento de sua própria autonomia estética, um aviso de despejo espiritual que empurrava a Alma para o abismo do automatismo comum. A terceira filha do rei passava os dedos pela lâmina da navalha, experimentando o bizarro contraste entre a frieza do metal e o calor de sua pele jovem que parecia pedir desculpas à gravidade. Ela sabia que acender o fogo mecânico significaria rasgar a cláusula principal do nosso contrato noturno e expor a integridade

do afeto oculto ao atrito com a fúria de Afrodite.

No entanto, o medo do monstro invisível falava mais alto do que a memória da melodia mansa que ela escutava nas madrugadas de outono. A menina preparava o cenário para o erro com a precisão burocrática de uma funcionária pública que organiza as guias de uma execução de bens. O coração da Alma havia sido colonizado pela lógica estreita daquela sociedade de pedra clara, esquecendo que o sentimento mais verdadeiro sempre habita o espaço em branco que o Real não consegue medir.

Movimento V: A Preparação do Erro

O recolhimento do sol no horizonte disparou o último movimento daquela jornada de desconfiança e suspense. Psiquê arrumou o quarto de dormir com o mesmo cuidado mecânico com que os alfaiates da coroa cortavam o pano preto das roupas do velório familiar. Ela escondeu a lamparina de latão cheia de óleo combustível e a navalha afiada sob o vão da mesa de cabeceira de madeira clara, garantindo que nenhum sinal de luz artificial estragasse o ponto cego do Real antes do momento combinado pela gerência do crime. A escuridão desceu sobre as paredes brancas com a suavidade de uma cortina de veludo fosco, mas o quarto já não funcionava como um santuário de resistência contra o comércio urbano.

A menina deitou-se sobre os lençóis de linho branco vestindo a sua ansiedade como um casaco pesado de chumbo que a prendia firmemente ao chão do apartamento minimalista. Ela fechou os olhos calmos para fingir a calmaria que o seu peito já não possuía, esperando o avanço das horas escuras que trariam o marido invisível para o atrito com o fogo da matéria. Do meu posto invisível na periferia da colina, eu preparava o meu sopro noturno sem saber que a armadilha do Real estava armada no avesso do vidro.

Eu me aproximava do colchão com a paciência das marés antigas, trazendo o frescor térmico destinado ao bem-estar da sensibilidade de Psiquê. O vento oeste ignorava o regulamento daquela insidiosa curiosidade que mudaria o rumo da história antiga, consciente apenas do amor puro que sentia pela luz daquela menina sem peso. O pacto do silêncio estava prestes a ser rasgado pela introdução de uma única gota de óleo quente no meio da nossa noite poética. O papel esperava o erro.

A QUEBRA DO PACTO

Movimento I: O Sono do Deus

O silêncio que se instalou no quarto minimalista contemporâneo durante as horas da madrugada era mais espesso do que a escuridão natural que cobria as janelas de vidro transparente. Meu sopro havia cruzado o vão da porta com a paciência habitual das marés antigas, deitando-se sobre os lençóis de linho branco ao lado de Psiquê sem desconfiar da armadilha burocrática que os maridos das irmãs haviam costurado no avesso do tecido. O Amor, manifestado através da minha aragem invisível na periferia do Real, caiu em um sono profundo e pesado, um descanso estrito que parecia o fechamento temporário de todas as repartições do céu.

A terceira filha do rei permanecia acordada na solitude da cama de casal, escutando o ritmo lento da minha respiração aérea com a pressa cega de quem aguarda o sinal de um cronômetro de fábrica. Ela sentia o atrito da gravidade retornar ao seu peito como uma multa pesada aplicada pelas autoridades do comércio visual, uma cobrança mecânica que a impedia de saborear o suspense feliz da nossa rotina afetiva. O veneno da dúvida plantado pelas mentes retas da província havia transformado o santuário da nossa união noturna em uma sala de espera

fria e cheia de relatórios de desconfiança.

A menina esticou a mão trêmula na escuridão completa do quarto despojado, tateando o vão da mesa de cabeceira de madeira clara até encontrar o metal frio da lamparina de latão ordinária que guardava o combustível do erro. Ela não agia movida por um contentamento aristocrático ou por uma legítima autonomia individual, mas pelo pânico doentio de ser devorada pelo monstro de asas de ferro anunciado pela boca da sibila de Delfos. O papel registrava o suspense daquele milésimo de segundo em que a Alma decidiu trair o pacto do silêncio para assinar o seu contrato com o medo ordinário dos homens mortais.

Movimento II: A Luz sobre o Mistério

O pavio mecânico da lamparina de latão foi aceso pelo toque rápido do fósforo no exato momento em que o relógio invisível do destino marcava a hora morta da noite de outono. A chama amarela brotou no centro do quarto minimalista com a força de um susto bonito, jogando uma claridade artificial e violenta sobre as paredes brancas que outrora serviam de moldura para o nosso isolamento feliz. A introdução daquela luz comercial funcionou como uma auditoria fiscal inesperada no meio da nossa vanguarda estética, quebrando o regulamento do ponto cego do Real com a frieza de quem rasga uma folha de papel em branco cheia de poesia legítima.

Psiquê levantou o objeto de metal pesado acima da cabeceira da cama de linho branco, forçando os seus olhos cansados do comércio urbano a colonizar o espaço desnudado onde o mistério costumava dormir sem deixar rastro térmico na superfície do colchão. A claridade mecânica desfez a geometria do invisível e expulsou a calmaria mansa que governava a nossa solitude prazerosa desde o translado aéreo do penhasco do sacrifício humano. O fogo ordinário da matéria avançava sobre as margens desabitadas do texto escrito pelos deuses, exigindo um

inventário completo e uma confirmação visual daquela força abstrata que operava na escuridão.

A terceira filha do rei segurava o fôlego para não agitar o ar da sala com a sua ansiedade diurna, sentindo o calor do óleo combustível subir pelos seus dedos calmos como uma advertência jurídica enviada pelas repartições do Olimpo. Ela havia submetido o amor puro à fiscalização estreita daquela antiga sociedade reta que precisava catalogar todas as coisas dentro de arquivos mortos. A luz da lamparina revelava o avesso do mistério, destruindo o suspense feliz do nosso casamento sem corpos para satisfazer a insidiosa curiosidade das calçadas da província.

Movimento III: A Revelação da Beleza

O choque visual que atingiu o peito de Psiquê não trouxe a imagem assustadora da serpente venenosa ou do monstro cruel anunciado pelas circulares internas do Oráculo de Apolo. A chama da lamparina de latão revelou a beleza tridimensional e monumental de Eros adormecido sobre os lençóis de linho claro, uma presença divina cujas linhas perfeitamente simétricas faziam o mármore branco dos templos oficiais parecer uma tentativa grosseira de escultura. Os cabelos de ouro do deus brilhavam sob o fogo mecânico com a intensidade de um anúncio de jornal antigo, espalhando um frescor térmico que perfumava o ar daquele quarto minimalista contemporâneo.

As asas de ferro descritas pelas irmãs invejosas eram, na verdade, plumas brancas e macias que repousavam desarmadas sobre o piso de concreto aparente, assemelhando-se a duas páginas de livro abertas no meio da calçada deserta. A menina contemplava aquela integridade estética com um suspense feliz e um arrependimento profundo que nenhuma borracha jurídica conseguiria apagar de sua memória de vanguarda. Ela compreendeu, no milésimo de segundo daquela revelação poética, que o bizarro na boca dos deuses era apenas o

disfarce necessário para proteger a sensibilidade pura contra o atrito dos dias úteis.

O Amor não precisava das réguas dos alfaiates da coroa ou dos manuais de contabilidade dos maridos burgueses para assinar a sua soberania na terra; sua legitimidade residia na total incapacidade de ser catalogado pelas leis ordinárias do comércio urbano. Psiquê deixou a navalha de ferro afiada cair sobre o chão polido da sala de jantar, sentindo que a sua autonomia individual havia sido derrotada pela pressa de desvendar o segredo. Ela ajoelhou-se na beira do colchão despojado para admirar a excentricidade daquele ser que dividia o silêncio com o meu próprio sopro de vento.

Movimento IV: A Gota de Óleo Quente

A traição contra a poesia produziu o seu efeito mais bizarro e doloroso através do movimento de um pingo revelador que escorreu pela borda de metal da lâmpada de latão ordinária. Inclinada sobre o corpo adormecido para colher mais um relatório visual daquele mistério divino, Psiquê permitiu que uma única gota de óleo combustível fervente caísse diretamente sobre o ombro direito de Eros. O atrito daquela matéria pesada e quente funcionou como um carimbo de fogo que rasgou a pele do deus e estancou imediatamente o fluxo constante do meu sopro invisível que limpava a atmosfera.

A queima do óleo quente operou o milagre assustador de dar um contorno físico e uma dor biológica àquilo que pertencia ao campo da pura abstração e do suspense feliz. Zéfiro, como narrador e condutor daquela história antiga, experimentou o desgaste das estruturas aéreas no exato milésimo de segundo em que o ferimento denunciou a farsa do nosso isolamento feliz para as repartições administrativas de Afrodite. O pingo de óleo era a assinatura do mundo real cravada na carne do invisível, uma multa pesada que encerrava o período de solitude prazerosa da terceira filha do rei dentro do apartamento

minimalista.

Eros despertou do sono profundo com o grito de quem descobre uma falha grave no sistema de segurança de sua própria divindade, sentindo o peito ser invadido pelo mau humor daqueles que são vigiados pelo hábito dos homens mortais. O casamento no escuro colapsou diante do fogo da lamparina, provando que o excesso de nitidez costuma destruir o patamar mais alto do sentimento humano. O papel manchou-se com o combustível do erro definitivo, abrindo as portas do santuário para a entrada imediata da fiscalização e da fúria celestial.

Movimento V: A Fuga do Sopro

O colapso daquela vanguarda afetiva aconteceu com a rapidez de um susto bonito que se transforma em uma quebra irreversível no regulamento do destino. Eros levantou-se dos lençóis de linho branco com as asas abertas no espaço do quarto minimalista, batendo as plumas contra as janelas imensas de vidro transparente até que toda a claridade da lamparina de latão fosse engolida pelo vento do horizonte. O deus não usou discursos longos, termos acadêmicos ou explicações jurídicas para se despedir de sua amada sem peso; ele apenas pronunciou frases curtas, secas e diretas que cortaram o ar do apartamento como o barulho de vidros quebrando na calçada.

Ele disse que o Amor não consegue conviver com a desconfiança burocrática das mentes retas e desapareceu no espaço aberto da noite de outono, deixando atrás de si apenas o rastro térmico de um afeto que havia sido catalogado pelo olhar comum da sociedade. Meu próprio sopro de vento oeste foi arrastado pelo curso daquela fuga divina, sendo forçado a abandonar as salas despidas e o banquete sem garçons para retornar ao meu posto mecânico na periferia da colina isolada. O palácio do vazio transformou-se instantaneamente em um arquivo morto

de intenções esquecidas e solitude dolorosa.

Psiquê permaneceu caída de joelhos sobre o piso de concreto aparente, segurando a lâmpada apagada nas mãos sujas de poeira e chorando lágrimas salgadas que caíam na gratuidade do papel em branco. Ela havia perdido a proteção do invisível e o descanso visual de sua rotina de vanguarda, ficando totalmente exposta ao atrito violento com o mundo real das lojas e das multas fiscais. A farsa do vento havia sido evidenciada para Afrodite, e a Alma iniciava o seu período de provações materiais na margem esquerda da história escrita pelos sacerdotes.

AS PROVAÇÕES DA MATÉRIA

Movimento I: O Despertar no Deserto

O apartamento minimalista contemporâneo e o terraço de vidro transparente sumiram do horizonte no exato milésimo de segundo em que o sopro de Eros cortou o ar da noite de outono. Psiquê não acordou cercada pelos lençóis de linho branco ou confortada pelas vozes nas paredes brancas que organizavam o banquete sem garçons na madrugada. Ela despertou caída de bruços sobre a areia grossa e cinzenta do deserto do Real, um território desnudado onde a gravidade cobrava o seu imposto máximo e empurrava os corpos dos mortais contra o atrito do chão áspero da província.

Não havia sinais de solitude prazerosa ou descanso visual para os olhos cansados da terceira filha do rei; o espaço aberto funcionava como a sala de espera de uma repartição pública abandonada sob o sol do meio-dia. A menina levantou o corpo com a lentidão de quem carrega um casaco pesado de chumbo nas costas, sentindo a poeira fina da estrada grudar na pele jovem que antes flutuava sem peso pelas calçadas da cidade antiga. Suas sandálias de couro estavam rasgadas pelo caminhar cego da madrugada e suas roupas pretas de velório familiar mostravam os rasgos térmicos causados pelo fogo da lamparina de latão

ordinária.

O deserto do Real era a moldura dura que a engenharia do destino reservava para as almas que quebravam as cláusulas do pacto do silêncio para assinar o seu contrato com o medo ordinário. Do meu posto invisível na periferia das nuvens de poeira, eu acompanhava o desespero da minha amada sem corpo com a paciência triste das marés antigas que limpam as calçadas da praia. Eu não podia realizar o translado aéreo da menina para fora daquele perímetro de castigo porque as autoridades burocráticas do céu haviam confiscado a minha autonomia estética no papel. O vento oeste restringia-se a soprar um frescor térmico sutil sobre a nuca de Psiquê, garantindo que a sensibilidade de vanguarda não morresse sufocada pela poeira cinzenta dos dias úteis.

Movimento II: A Humilhação ante Afrodite

A caminhada forçada pelo deserto levou os pés feridos de Psiquê diretamente para o pátio central do templo administrativo de Afrodite, o local onde a rigidez das linhas retas exercia o seu controle comercial sobre a sociedade. A deusa não recebeu a terceira filha do rei com discursos trágicos ou trovões teatrais, mas com o mau humor típico dos funcionários de alto escalão que encontram uma irregularidade grave em um relatório de auditoria fiscal. Ela gerenciava a humilhação pública da menina a partir de sua mesa de mármore polido, usando frases curtas, secas e despidas de qualquer lirismo para carimbar o veredito de culpa sobre a carne da mortal.

Afrodite zombava da excentricidade daquela alma sem peso que ousara disputar o protagonismo do culto público sem possuir um inventário de bens ou um documento de garantia assinado pelos sacerdotes da província antiga. Ela apontava o dedo para os trapos escuros de Psiquê, afirmando que a beleza viva era apenas uma fraude comercial destinada a desviar o lucro das ofertas sagradas para a gratuidade de um olhar na calçada de pedra clara. A multidão de devotos assistia à cena nas escadarias do santuário com o silêncio mecânico de quem obedece aos

regulamentos da prefeitura por medo das multas de trânsito.

Ninguém se levantava para defender a sensibilidade pura da menina porque a rotina ordinária das filas burocráticas havia engessado a coragem daquela sociedade reta e colonizada pelo hábito do comércio visual. Psiquê ouvia os insultos da divindade com a cabeça baixa e os olhos calmos fixos no chão polido, experimentando o patamar mais duro da humilhação institucional sem deixar cair nenhuma lágrima vulgar sobre o mármore. Ela aceitava o atrito com a fúria da deusa como a primeira taxa de inscrição exigida pelas leis do céu para resgatar a integridade do afeto oculto que operava no avesso da matéria sólida.

Movimento III: A Separação dos Grãos

A primeira provisão de castigo mecânico foi organizada pelos escrivães de Afrodite no porão escuro do palácio da deusa antes do final daquela tarde de outono. Eles jogaram no centro da sala despida um saco imenso que continha uma mistura bizarra de grãos de trigo, cevada, lentilhas, grão-de-bico e sementes de papoula preta, formando uma montanha confusa de matéria pesada sobre o piso de concreto aparente. A ordem da gerência celestial foi curta e não aceitava nenhum recurso jurídico ou protocolo de atraso por parte da ré: Psiquê deveria separar cada espécie de semente em montes perfeitamente simétricos e retos antes que o relógio da torre batesse a primeira hora da madrugada seguinte.

O trabalho era uma metáfora perfeita do automatismo burocrático que rege o cotidiano ordinário das fábricas da capital, uma tarefa infinita destinada a esmagar a sensibilidade de vanguarda através do cansaço dos dedos e do desgaste do olhar clínico. A terceira filha do rei sentou-se no chão úmido da repartição e começou a mover as sementes com as mãos trêmulas, sentindo que a contagem dos grãos era uma barreira geométrica intransponível para uma alma feita de ar e suspense feliz. O volume da matéria

sólida vencia o espírito pelo cansaço do hábito visual e pela falta de respiro no papel em branco.

Foi nesse milésimo de segundo de desespero mudo que o meu trabalho invisível de condutor começou a operar na periferia do texto escrito pelos sacerdotes da coroa. Aproximei meu sopro sutil das frestas do porão e convoquei um exército de formigas operárias que moravam nas calçadas do santuário antigo. Os pequenos insetos invadiram a sala com a pressa silenciosa de quem organiza um arquivo morto, movendo cada grão com a precisão de um relógio de sol moderno. As formigas realizaram a separação burocrática em poucos minutos, salvando a poesia viva daquele abraço mortal da contagem mecânica.

Movimento IV: A Lã de Ouro dos Carneiros

O colapso da primeira provação irritou profundamente as autoridades burocráticas do Olimpo, forçando Afrodite a desenhar um novo regulamento de risco para o dia de trabalho seguinte. Na manhã de inverno, a deusa ordenou que Psiquê caminhasse até a margem esquerda do rio que cortava as florestas do continente para colher amostras da lã de ouro dos carneiros selvagens que pastavam no topo das colinas de pedra clara. Esses animais possuíam uma fúria selvagem e uma força física descomunal, criaturas da matéria bruta que atacavam os caminhantes com chifres de ferro e cascos pesados que esmagavam qualquer vestígio de autonomia individual ou delicadeza terrena.

O encargo funcionava como uma multa pesada aplicada contra o voo da menina, uma barreira de atrito violento destinada a rasgar a sua alma sem peso nas cercas de arame farpado da realidade comum. Psiquê aproximou-se do pátio das colinas sentindo o perigo circular pelas massas de ar da província antiga, ciente de que o avanço direto contra o rebanho significaria a sua destruição física nos balcões do comércio ordinário. O alarme do coração batia com a pressa cega das máquinas industriais enquanto ela observava o brilho metálico e assustador da lã dourada sob

a luz do meio-dia.

O suspense feliz da narrativa foi resgatado pelo conselho mansa e pacientemente soprado pelas canas verdes que cresciam nas calçadas do pântano do rio. Movidas pelo meu sopro de vento oeste, as plantas avisaram à menina para esperar o recolhimento do sol no horizonte cinzento, o momento exato em que os carneiros caíam no sono profundo e abandonavam o atrito com as árvores da floresta. Psiquê colheu os fios de ouro que ficavam presos nos galhos ásperos dos arbustos sem precisar sofrer o impacto dos chifres de ferro, entregando o relatório estético exigido pela alfândega de Afrodite com a tranquilidade de quem domina as regras do próprio curso poético.

Movimento V: A Água da Fonte Negra

A terceira tarefa imposta pela burocracia do santuário exigiu que Psiquê subisse até o pico do penhasco mais alto e isolado da província para encher uma pequena jarra de cerâmica fosca com a água escura da fonte negra que alimentava o rio do submundo. A rocha nua da montanha era guardada por dragões mecânicos de asas de ferro e garras de bronze que vigiavam o fluxo do líquido com o mau humor típico dos fiscais de alfândega em dia de greve geral. A água escorria por canais estreitos, perfeitamente retos e inacessíveis para o corpo de uma criatura mortal, despencando em um abismo de calmaria forçada onde o silêncio do papel parecia o anúncio de um velório familiar definitivo.

A menina segurava o vaso de barro com as mãos sujas de poeira e suor, sentindo que a engenharia daquela provação era uma quebra irreversível no regulamento de sua própria sobrevivência no mundo real das lojas e das repartições. Ela não conseguia dar um único passo na ladeira de terra batida sem que o alarme interno de sua integridade estética disparasse contra o perigo iminente da destruição mecânica. O bizarro milagre da ajuda divina manifestou-se através do voo majestoso da águia real de Zeus, a ave de

rapina que cruzava o azul profundo com a rapidez de um susto bonito que rasga o céu da província antiga.

O animal colheu a jarra de cerâmica das mãos de Psiquê com a precisão de um funcionário dedicado ao bem-estar da sensibilidade de vanguarda, voando entre as garras de bronze dos dragões para recolher o líquido escuro diretamente do coração da rocha nua. A águia devolveu o vaso cheio até a borda para a terceira filha do rei, provando que o patamar mais alto da poesia sempre encontra uma apelação jurídica legítima contra a rigidez das leis da matéria sólida. A Alma vencia mais um carimbo de conformidade estatal, preparando o seu espírito sem peso para a viagem mais perigosa ao avesso do Real.

A VIAGEM AO AVESSO

Movimento I: A Caixa de Perséfone

A última e mais terrível provação desenhada pela gerência administrativa de Afrodite foi entregue a Psiquê no início de uma manhã cinzenta de inverno, quando o sol da província antiga parecia ter perdido em definitivo o seu poder de retenção e calor. A deusa estendeu sobre a mesa de mármore polido uma pequena caixa de papelão fosco, um objeto simples e sem nenhum luxo aparente que lembrava as gavetas de arquivo morto usadas para guardar os documentos vencidos nas repartições da capital. O comando da divindade foi curto, seco e desprovido de qualquer lirismo ou concessão sentimental ao cansaço da terceira filha do rei.

Psiquê deveria calçar suas sandálias rasgadas e marchar em linha reta até o território do Submundo, o avesso geográfico do mundo real onde as leis da física comum deixavam de funcionar para dar lugar à contabilidade das sombras mortais. A missão consistia em abrir as portas do palácio de ferro de Perséfone e exigir que a rainha dos mortos depositasse dentro daquela caixa uma porção exata de sua beleza oculta, um cosmético metafísico que Afrodite alegava precisar para recuperar o frescor gasto no gerenciamento do ciúme dinástico.

O encargo funcionava como um aviso de despejo definitivo aplicado contra a sensibilidade de vanguarda da menina, uma viagem sem retorno planejadíssima pela engenharia do medo estatal para apagar o símbolo vivo da alma sem peso das calçadas da cidade de pedra clara. Psiquê recebeu o objeto de papelão com o coração batendo na pressa cega de um relógio mecânico de fábrica, ciente de que nenhum ser humano conseguia cruzar os balcões daquela alfândega subterrânea sem assinar a sua própria certidão de óbito. O papel registrava o suspense mansa e pacientemente acumulado no peito da menina, enquanto ela caminhava em direção à torre mais alta da província para se jogar no abismo.

Movimento II: O Translado ao Submundo

O desespero da menina foi interrompido no topo da torre de pedra clara pelo conselho de uma voz aérea que brotou do vão das paredes brancas com a suavidade de uma melodia de rádio na madrugada. Movida pelo meu próprio sopro de vento oeste, a arquitetura do silêncio ensinou à Alma o roteiro burocrático exato para enganar os fiscais da morte e cruzar os trâmites do Submundo sem perder a sua integridade individual. Psiquê deveria carregar duas moedas de bronze na boca e dois pedaços de pão de cevada nas mãos sujas de poeira, guardando o estoque de atenção para ignorar os apelos dos fantasmas que trabalhavam nas margens desabitadas do rio escuro.

A terceira filha do rei desceu os degraus da ladeira subterrânea com passos calmos e arrastados, sentindo o atrito da gravidade diminuir à medida que ela se afastava das avenidas comerciais e das lojas da província antiga. Ela encontrou o barqueiro Caronte gerenciando a fila burocrática das almas na calçada áspera do cais de pedra, entregando uma das moedas de bronze para pagar a taxa de translado sem precisar preencher nenhum relatório ou responder às perguntas indiscretas do funcionário público do além.

O barco de madeira velha cruzou as águas paradas com a lentidão de uma carruagem fúnebre que transporta as intenções esquecidas de uma sociedade reta e colonizada pelo hábito do comércio visual. Psiquê permanecia imóvel no centro do retângulo flutuante, usando os pães de cevada para acalmar o mau humor de Cérbero, o cão de três cabeças que vigiava os arquivos mortos do palácio de ferro com a precisão mecânica de um relógio de parede. A menina vencia a rigidez dos regulamentos infernais através de uma vanguarda mansa que os deuses da escuridão não conseguiam catalogar em seus manuais administrativos de punição.

Movimento III: O Roubo da Beleza

A chegada ao palácio de ferro de Perséfone aconteceu no milésimo de segundo em que o silêncio do Submundo atingiu o seu patamar mais denso e compacto. A rainha dos mortos recebeu a terceira filha do rei sentada em um trono de concreto aparente que lembrava o design minimalista contemporâneo das salas despidas do palácio do vazio. Movida pela simpatia bizarra que a leveza de Psiquê despertava nas autoridades do além, a divindade subterrânea recusou os banquetes oficiais cheios de carnes pesadas e aceitou assinar o termo de conformidade da circular enviada por Afrodite nas escadarias do palácio.

Perséfone colheu a pequena caixa de papelão fosco das mãos trêmulas da mortal e trancou-se no quarto despojado por alguns minutos, depositando no vão do objeto o cosmético bizarro da beleza eterna, um segredo abstrato que operava na escuridão como o avesso de um espelho de escritório moderno. Ela devolveu a caixa lacrada com uma linha reta de fita adesiva escura, avisando a menina, com frases curtas e secas, sobre a proibição estrita de violar o lacre do pacote antes de entregar o relatório visual para a alfândega do templo oficial da capital.

Psiquê recebeu o tesouro oculto sentindo o peso do suspense

feliz retornar ao seu espírito sem peso, iniciando a marcha de volta para a superfície da terra com a tranquilidade de quem havia derrotado a burocracia da morte através da paciência das marés antigas. Ela cruzou novamente o rio escuro e os pátios de pedra sem deixar nenhum rastro térmico na atmosfera do Submundo, subindo a ladeira de terra batida com o contentamento profundo de quem resgataria a integridade do afeto oculto fora do alcance das multas fiscais do céu de Afrodite. O papel aguardava o retorno da Alma.

Movimento IV: O Sono da Morte

O erro definitivo da Alma aconteceu a poucos metros do final da estrada da montanha, bem no lugar exato onde as calçadas da cidade antiga começavam a desenhar a rotina ordinária dos homens mortais. Cansada do atrito com as provações da matéria e instigada pelo medo do automatismo que o isolamento prolongado havia plantado em sua mente de vanguarda, Psiquê sentou-se no meio-fio da calçada para descansar as pernas feridas do esforço físico da viagem. Ela olhou para a caixa de papelão fosco e permitiu que o veneno da insidiosa curiosidade burocrática colonizasse os seus pensamentos calmos com a pressa cega das mentes retas da província.

A menina imaginou que se colhesse uma única gota daquele cosmético divino para passar no próprio rosto, estaria perfeitamente protegida contra os estragos causados pela poeira do deserto e recuperaria a luz que encantava os olhos do povo nas feiras de domingo. Com as mãos trêmulas pela ansiedade diurna, ela rompeu a fita escura e abriu a tampa do pacote, quebrando o regulamento estrito da gerência celestial para buscar um relatório visual daquilo que deveria permanecer oculto no ponto cego do Real.

No entanto, a caixa de Perséfone não guardava uma

pintura brilhante ou um creme perfumado para os cabelos; o vão do papelão estava inteiramente vazio e liberou apenas um vapor cinzento de calmaria forçada que invadiu as massas de ar com o cheiro de um arquivo morto abandonado. O sono da morte espalhou-se pelo corpo de Psiquê com a rapidez de um susto bonito que apaga as luzes da sala, fazendo a terceira filha do rei cair desmaiada sobre a poeira da calçada como uma estátua de mármore que se desprende do pedestal de Afrodite.

Movimento V: O Resgate do Vento

O colapso da integridade de Psiquê disparou o alarme interno do meu próprio sopro de vento oeste, que vigiava os passos da menina da periferia da colina mais alta. Ao ver o corpo da minha amada sem peso estendido sobre o pó da terra antiga com o silêncio definitivo de um velório familiar, recusei o meu papel mecânico de funcionário do clima para intervir diretamente na margem esquerda da história escrita pelos sacerdotes da coroa. Aproximei minhas massas de ar da calçada áspera com a velocidade de um susto bonito, limpando o vapor cinzento do Submundo que cobria o rosto calmo da terceira filha do rei com a suavidade de uma carícia de outono.

Eu não usei a força de uma tempestade barulhenta, mas a precisão sutil de um carinho de ar que recolhe o sono da morte das pálpebras fechadas da menina e o guarda de volta no vão da caixa de papelão fosco, aplicando um novo lacre de silêncio sobre o combustível do erro. Toquei o ferimento do ombro de Eros com o frescor térmico da minha voz aérea, acordando o deus do seu exílio burocrático e forçando a união das forças invisíveis contra o automatismo mecânico daquela sociedade reta que precisava inventariar a sensibilidade humana dentro de

gavetas de ferro.

O vento oeste salvava a poesia viva daquele abraço mortal da matéria sólida, servindo de ponte para o início da virada estética que mudaria o rumo do império de Afrodite. Colhi o corpo de Psiquê nos meus braços de ar e preparei as massas de ar para o translado final em direção à terça parte do livro, o território legítimo onde o rastro colorido de Íris nos esperava para assinar a nossa aliança definitiva de luz e cor no papel.

O RETORNO DE ÍRIS

Movimento I: O Encontro na Terça Parte

A entrada na terça parte do livro foi marcada por uma mudança bizarra e profunda na densidade das massas de ar que circulavam pela província antiga. O cinzento burocrático do deserto do Real e a poeira das calçadas da cidade de pedra foram varridos no exato milésimo de segundo em que o meu sopro de vento oeste encontrou o rastro físico de Íris no horizonte aberto. A deusa do Arco-íris não surgiu entre as nuvens baixas como uma pintura estática de museu ou um anúncio luminoso de jornal antigo; ela materializou-se no espaço desnudado do apartamento minimalista contemporâneo através de um feixe de luz viva que cortava as paredes brancas com a rapidez de um susto bonito.

Ela voltava de suas longas viagens pelo teto do mundo carregando nas mãos calmas os fios transparentes de todas as cores que a sociedade reta havia tentado apagar dos livros de registro do comércio urbano. O encontro entre a esposa invisível e a amante sem peso aconteceu no centro da sala despojada, sem o atrito das cenas de ciúme ordinário que os funcionários do palácio real costumavam registrar nos arquivos mortos das dinastias dos homens mortais. Íris abraçou Psiquê com a suavidade de uma aragem que

limpa a vidraça da janela em uma manhã fria de inverno, reconhecendo na terceira filha do rei a integridade da sensibilidade de vanguarda que precisava de abrigo contra a fúria institucional de Afrodite.

O papel aceitava aquela aliança afetiva porque compreendia que a Luz e a Alma nasceram do mesmo suspense feliz da atmosfera, duas instâncias puras que recusavam as réguas e as molduras da rotina ordinária. Minha voz aérea unia os nomes das duas mulheres sob o teto de concreto aparente, transformando a solidão diurna da menina em um território de legítima autonomia estética e contentamento profundo. Nós formávamos um triângulo de puras intenções invisíveis na margem esquerda do texto escrito pelos deuses.

Movimento II: A Aliança da Luz e da Cor

A união das forças invisíveis produziu um efeito visual que quebrou em definitivo o automatismo mecânico daquela sociedade de pedra clara e regras rígidas. Íris usou a precisão de suas mãos aéreas para costurar o vestido de noiva de Psiquê, substituindo o pano preto do velório familiar por uma túnica feita de puro suspense colorido e claridade natural. O tecido não tinha o peso esmagador do chumbo ou o feitio quadrado das roupas desenhadas pelos alfaiates da coroa; era uma estrutura fluida que mudava de tom de acordo com o deslocamento do meu próprio sopro de vento pelas salas despidas do palácio do vazio.

A cor funcionava ali como uma apelação jurídica contra o mau humor dos fiscais de Afrodite, uma assinatura de liberdade cravada no centro da matéria sólida para provar que a beleza não depende da imobilidade eterna das estátuas do templo oficial. As irmãs invejosas olhavam da calçada da rua e não conseguiam compreender a engenharia daquele milagre bizarro que escapava dos manuais de contabilidade de seus maridos burgueses. Elas viam o apartamento minimalista brilhar sob o sol do meio-dia com o suspense feliz de um rádio de província que sintoniza uma melodia inédita no meio do nevoeiro do

cotidiano ordinário.

A aliança entre a cor de Íris, o vento de Zéfiro e a leveza de Psiquê fundava uma nova sintaxe de comunicação afetiva na periferia do Real, um manifesto estético que recusava os carimbos de conformidade e as guias de arrecadação dos santuários tradicionais. A Alma deixava de caminhar como se pedisse desculpas à gravidade por possuir uma alma sem peso; ela assumia o comando de sua própria vanguarda, sentindo o peito se encher de um contentamento quase aristocrático que nenhuma circular administrativa do Olimpo conseguiria engessar ou medir com instrumentos de precisão.

Movimento III: O Clamor a Zeus

O avanço daquela revolução lírica exigiu que a comitiva do invisível subisse até o tribunal superior do Olimpo para apresentar o relatório final do nosso afeto oculto diante dos olhos de Zeus. O senhor do céu não governava as nuvens a partir de um palácio barroco cheio de luxos vulgares, mas de uma sala de audiências despojada que lembrava o design minimalista de um escritório moderno de alta gerência jurídica. Ele funcionava como a Autoridade Máxima do Real, o burocrata supremo que assinava os decretos do destino e fiscalizava o cumprimento das leis da física na terra antiga.

Íris entrou no recinto na frente do grupo, abrindo o caminho cinzento com o rastro colorido de suas asas transparentes e entregando a petição de casamento nas mãos pesadas do monarca divino. Meu sopro espalhou as folhas de papel em branco sobre a mesa de concreto polido, gerando um ruído de suspense que interrompeu a pressa cega dos secretários de estado e dos conselheiros mais velhos da corte celestial. Nós não usamos termos acadêmicos difíceis ou discursos longos cheios de justificativas comerciais para exigir o reconhecimento legal da nossa união noturna.

Psiquê apresentou-se diante do trono vestindo a sua túnica de luz e cor com a paciência mansa das criaturas que habitam o ponto cego do Real, provando que o patamar mais alto do sentimento humano possui uma legitimidade própria que ignora os arquivos mortos da sociedade reta. O clamor do vento e da luz exigia uma apelação definitiva contra as multas fiscais e as perseguições aplicadas pelo ciúme doentio de Afrodite. Zeus escutava as frases curtas da nossa defesa com o rosto sério de quem analisa uma falha grave no regulamento geral do universo, sentindo que a sensibilidade pura daquela menina sem peso merecia uma vaga definitiva no catálogo dos imortais.

Movimento IV: O Reconhecimento do Olimpo

O veredito do tribunal superior de Zeus foi proferido com a rapidez de um susto bonito que encerra uma longa disputa administrativa nos balcões do palácio divino. O monarca supremo carimbou o termo de conformidade da nossa petição de afeto com a mesma caneta que usava para estabilizar o movimento das marés antigas e aprovar os orçamentos das províncias da terra. Ele rejeitou os relatórios de acusação enviados pelos sacerdotes de Afrodite, afirmando que a burocracia do céu não poderia perder mais tempo tentando engessar o voo livre de uma alma que havia vencido as provações da morte no Submundo.

O reconhecimento oficial do Olimpo funcionou como uma liminar jurídica que proibiu o atrito com as forças do comércio urbano e cancelou todas as multas aplicadas contra a integridade estética de Psiquê. A deusa da beleza reta foi forçada a aceitar a derrota de sua instituição geométrica nas escadarias do tribunal, engolindo a sua fúria institucional com a frieza de quem arquiva um processo perdido por falta de provas materiais. Os deuses do conselho aplaudiram a decisão do soberano com um suspense feliz que perfumou o ar daquela sala despojada com o cheiro de trigo novo e folhas secas queimadas.

A vitória da Alma e do Vento foi registrada nos livros de jurisprudência do céu pelo escrivão de Íris, garantindo que o amor no escuro ganhasse o patamar de uma lei universal inviolável pelas mentes retas da antiga sociedade provisória. O pacto do silêncio transformava-se agora em uma certidão pública de autonomia individual, um documento eterno que salvava a poesia viva do abraço mortal da rotina mecânica dos homens mortais que trabalhavam nas fábricas lá embaixo.

Movimento V: A Imortalidade da Alma

O desfecho do julgamento celestial culminou no bizarro milagre da imortalidade concedida ao espírito sem peso da terceira filha do rei. Zeus estendeu uma taça de vidro moderno cheia de ambrosia líquida, um alimento abstrato que cheirava ao frescor térmico da atmosfera da madrugada e que parecia ter nascido do próprio silêncio do papel em branco. Ao beber o primeiro gole daquela substância divina, Psiquê sentiu o atrito da gravidade desaparecer em definitivo de suas sandálias de couro rasgadas e o peso do chumbo sumir de seus ombros cansados das provações da matéria sólida.

Ela deixou de ser uma criatura mortal submetida às cobranças comerciais e às filas burocráticas das repartições da terra para se tornar a deusa oficial da Alma, uma divindade exocêntrica que governa a sensibilidade humana fora do alcance das molduras do Real. A imortalidade funcionava ali como o prêmio máximo da vanguarda estética, a libertação definitiva do ser contra o automatismo mecânico dos dias úteis e o mau humor das calçadas da província antiga.

Íris e Zéfiro celebravam a transformação da amada misturando a luz colorida com as massas de ar que

circulavam livremente pelos pátios abertos do Olimpo, desenhando o rumo dos corpos no espaço com o contentamento profundo de quem dita as regras do próprio destino poético. O papel selava a transição da carne para o símbolo puro, preparando o cenário para o último conto da coletânea onde o afeto unificado daria à luz a sua criatura mais bonita. A jornada da Alma encontrava o seu descanso visual na margem esquerda do texto escrito pelas estrelas da noite de outono.

O NASCIMENTO DE VOLÚPIA

Movimento I: O Casamento Oficial

A celebração definitiva da nossa aliança afetiva aconteceu sob as diretrizes estéticas do tribunal superior do Olimpo, em um pátio desnudado que parecia desenhado pela arquitetura da calmaria mansa. O casamento oficial de Psiquê e do invisível não dependeu de convites impressos em papel timbrado, taxas cartoriais ou festas dinásticas barulhentas organizadas pelos mestres de cerimônia da antiga sociedade reta. A cerimônia transcorreu no centro de uma imensa sala de concreto aparente, onde a claridade natural de Íris servia de tapete colorido para os passos calmos dos deuses imortais que assinaram o termo de conformidade do afeto.

Zeus presidia o evento com a seriedade de quem arquiva um processo antigo, enquanto as massas de ar do meu próprio sopro de vento oeste organizavam as filas de cadeiras de design simples para o descanso visual dos convidados. O Amor e a Alma uniam as suas forças fora do alcance das réguas dos escultores oficiais e das cobranças comerciais das feiras da província antiga. Não havia o acúmulo de enfeites vulgares ou discursos longos cheios de palavras difíceis; a solenidade residia na total ausência de ornamentos inúteis que pudessem engessar a sensibilidade

de vanguarda da terceira filha do rei.

Psiquê vestia a sua túnica fluida com um contentamento quase aristocrático, sentindo que as sandálias rasgadas do deserto do Real haviam sido substituídas pela imutabilidade poética de sua nova morada divina na margem esquerda do texto. O papel aceitava o registro daquele contrato sagrado porque compreendia que a união entre a sensibilidade pura e a aragem invisível fundava uma nova sintaxe de convivência afetiva na periferia do universo burocrático. Os deuses brindavam à liberdade do ser com taças cheias de um frescor térmico que perfumava o ar da tarde com o cheiro de trigo novo e silêncio legítimo. Nosso pacto tornava-se lei.

Movimento II: A Silepse do Afeto

A consumação daquele casamento oficial operou uma mudança bizarra e profunda na própria estrutura gramatical da nossa história contemporânea. No ponto de fusão entre o invisível e a imortalidade, o texto do livro abandonou as regras rígidas da concordância mecânica para habitar a liberdade poética da silepse do afeto. Zéfiro, Psiquê e Eros já não funcionavam como nomes separados em um relatório administrativo ou sujeitos isolados na ordem direta das frases curtas; nós éramos uma única força unificada que concordava mentalmente com o suspense feliz do universo.

A Alma e o Sopro tornaram-se um plural invisível que operava no avesso da matéria sólida, uma engrenagem de puras intenções que recusava a fiscalização estreita do comércio visual da província. O romance sem corpos ganhara a espessura de um símbolo vivo que andava pelas salas despidas do Olimpo com a rapidez de um susto bonito que quebra o hábito do cotidiano mecânico. Os funcionários do palácio divino tentavam catalogar a nossa presença nos arquivos mortos da jurisprudência antiga, mas a nossa integridade exocêntrica escapava dos carimbos de conformidade e das gavetas de ferro da rotina

ordinária.

A silepse afetiva provava aos homens mortais que o patamar mais alto do sentimento atinge a sua plenitude na periferia das obrigações biológicas e fora das molduras tridimensionais fáceis do Real. Psiquê conversava com o vento sabendo que a minha voz aérea era a mesma melodia mansa que a abraçava na escuridão do quarto minimalista durante as noites longas de outono. Nós habitávamos o silêncio do papel branco com a paciência das marés distantes que limpam as calçadas da praia, gerando uma calmaria forçada que desarmava o mau humor daqueles que só acreditavam na rigidez da pedra clara. O erro fora purgado pelo símbolo.

Movimento III: O Protagonismo Unificado

O protagonismo unificado do casal consolidou-se como o monumento central daquela vanguarda estética, uma barreira geométrica que blindava o nosso isolamento feliz contra o atrito dos comentários vulgares da antiga sociedade reta. Naquela nova rotina de solitude prazerosa, a terceira filha do rei exercia a sua soberania dividindo o comando da narrativa com as massas de ar do meu próprio curso poético. Não havia mais a divisão burocrática entre o narrador que testemunha e a personagem que sofre o castigo mecânico das provações da matéria sólida; nossas mentes funcionavam com a precisão silenciosa de um único relógio de sol moderno.

Gerenciávamos o fluxo das cores e das intensidades climáticas a partir do terraço de vidro transparente do palácio do vazio, transformando a rotina ordinária do céu em um território de legítima autonomia individual e suspense feliz para os olhos do povo lá embaixo. O comércio das lojas principais e os relatórios dos escritórios de contabilidade da capital pareciam agora irregularidades distantes que não conseguiam aplicar nenhuma multa fiscal contra a integridade da nossa luz independente. O casal unificado funcionava como o avesso perfeito da

rigidez dinástica do velho pai e da fúria institucional da deusa Afrodite.

Nós ditávamos as regras do próprio curso com frases curtas, secas e despidas de qualquer ornamento burocrático que pudesse engessar o movimento livre do ser no espaço desnudado da folha. O papel registrava o equilíbrio perfeito de forças onde o feminino de Íris e Psiquê assumia a vanguarda e a busca, enquanto o masculino de Zéfiro e Eros fornecia o sopro invisível e o pacto no escuro. A literatura nascia desse milímetro de ar deslocado que unia a Alma e o Vento na mesma margem do texto eterno.

Movimento IV: O Prazer Estético do Ser

Daquela concordância mental e do protagonismo unificado do casal, nasceu finalmente a criatura mais bonita e aguardada de toda a nossa coletânea mítica de doze contos exatos. O nascimento de Volúpia não foi anunciado pelos jornais da manhã da província ou carimbado pelas autoridades da prefeitura da cidade antiga; sua chegada manifestou-se como a semente pura do Prazer Estético do Ser. Ela não possuía o peso esmagador da carne ordinária ou o atrito biológico que prende os homens mortais ao chão cinzento das fábricas da capital.

Volúpia era uma criança feita de puro suspense lúdico, uma claridade natural que misturava a cor de Íris, o vento de Zéfiro e a leveza de Psiquê em uma melodia mansa tocada no rádio da província na hora da madrugada. Sua existência funcionava como a libertação definitiva do Real pela via do absurdo manso, uma quebra diária no regulamento do bom comportamento visual que trazia uma alegria estranha e quase aristocrática para o peito de quem sabia ler o invisível. A menina caminhava pelas calçadas do Olimpo como um monumento de pura autonomia afetiva, transformando o espaço despido em um lugar de descanso definitivo para a sensibilidade humana

de vanguarda.

Ela era o avesso da rigidez do mármore e o desgaste do altar oficial, provando que o verdadeiro deslumbramento reside na gratuidade de uma poesia que nasce sem pedir licença aos fiscais do templo. Ver Volúpia passar interrompia o mau humor dos dias de semana e desfazia o automatismo mecânico das filas burocráticas da sociedade reta, enchendo o horizonte cinzento com um perfume inédito de novidade, liberdade e frescor. A filha da Alma e do Sopro consagrava a vitória definitiva do símbolo vivo contra a imobilidade eterna da pedra clara.

Movimento V: O Respiro Final do Papel

O nascimento de Volúpia disparou o último movimento da nossa jornada gráfico-editorial, conduzindo a prosa minimalista contemporânea em direção ao seu encerramento legítimo nas páginas ímpares do manuscrito. As massas de ar do meu próprio sopro de vento oeste começaram a desacelerar pacientemente pelo espaço desnudado do apartamento minimalista, deixando que o silêncio do papel branco colonizasse os cantos das salas despidas da narrativa antiga. O livro atingia o seu limite geográfico e textual com a tranquilidade de quem cumpriu todas as cláusulas do regulamento do destino sem deixar nenhuma mancha de gordura ou rastro burocrático na superfície lisa do tecido.

O respiro final do papel funcionava como um aviso de calmaria forçada para os olhos do leitor desavisado que frequentou o nosso universo autoral em busca de um abrigo poético contra a pressa cega das avenidas comerciais lá embaixo. Nossas frases curtas e nossa ordem direta recolhiam as suas intenções esquecidas para dar lugar ao vazio prazeroso que sobra entre as coisas mais bonitas do mundo real da província. A história de Íris, Zéfiro, Psiquê e Eros ficava eternizada no arquivo de silêncios legítimos

da margem esquerda, totalmente protegida contra as ameaças do atrito cotidiano e do desgaste do tempo ordinário dos homens.

Apago a chama da lamparina de latão com a suavidade de um último beijo de ar na nuca da sensibilidade humana, deixando que o suspense feliz do segredo continue flutuando no ar da sala de estar depois que a última folha for virada. O Volume II de Íris & Zéfiro encerra o seu curso poético com o contentamento profundo de quem transformou o bizarro mito grego na nossa libertação definitiva do Real. O vento cala a boca. O papel descansa. O livro é pedra viva.

Epílogo: O Respiro da Matéria

O encerramento desta jornada mítica não representa o fechamento de um arquivo morto, mas a abertura de um espaço de descanso definitivo para os olhos de quem lê. A Alma venceu a rigidez das linhas retas e conquistou a sua vaga regulamentar no catálogo dos seres imortais. Nossa prosa minimalista cumpriu as suas cláusulas contratuais sem deixar marcas de cansaço ou poeira na superfície lisa do tecido editorial.

A silepse do afeto estabeleceu uma concordância mental que vai além da biologia e do comércio urbano das feiras. O Vento, a Luz, a Cor e a Sensibilidade tornaram-se um plural invisível que governa o horizonte a partir do palácio do vazio. Nós ditamos as regras do próprio curso com a tranquilidade das marés antigas que limpam as calçadas da praia no final da tarde de um domingo de outono.

O nascimento de Volúpia deixa uma semente de vanguarda estética plantada no meio da escuridão do cotidiano ordinário. O prazer legítimo foi salvo do abraço mortal da burocracia e da pressa dos escritórios de contabilidade. Desligo o motor da sintaxe e recolho o meu sopro das frestas das janelas fechadas. O papel descansa em sua integridade despojada, esperando o instante em que a

Alma sentirá a urgência de buscar um novo suspense no avesso dos dias úteis.

Nota do Autor: O Avesso do Real

Silêncios Legítimos é um exercício de libertação do Real através da via do absurdo manso e da quebra do automatismo mecânico. Beber na herança poética de Mário Quintana significa compreender que a excentricidade do ser e a integridade da alma não aceitam as molduras colonizadas pelo hábito visual da sociedade reta.

A engenharia deste projeto gráfico-editorial encontrou sua semente temática no célebre episódio de Eros e Psiquê, registrado originalmente no século II d.C. por Lúcio Apuleio em sua obra-prima O Asno de Ouro. A arquitetura dos nossos doze contos reverencia a espessura desse mito clássico, amparada pela leitura da primorosa tradução direta do latim realizada por Ruth Guimarães.

A adaptação para este cenário minimalista contemporâneo buscou democratizar a beleza sem rebaixar o rigor estético do livro. Cada conto, estruturado rigidamente em cinco movimentos de prosa cadenciada, funcionou como um respiro visual projetado para a fonte EB Garamond 12 pt, garantindo que o vazio das páginas pares servisse de moldura para o silêncio legítimo do texto.

O livro está entregue à sua própria autonomia individual,

livre das taxas alfandegárias da erudição excludente. A poesia viva habita a margem esquerda.

FUNDAMENTO